GAZETA MEDICA DA BAHIA.

ANNO VII. BAHIA 15 DE DEZEMBRO DE 1873. N.º 153.

SUMMARIO

COLLAÇÃO DO GRAU DE MEDICINA—Discurso proferido pelo Conselheiro Aranha Dantas. INSTRUCÇÃO UNIVERSITARIA—Relatorio sobre a organisação das mais importantes Faculdades de Medicina da Europa pelo Dr V. Saboia. HYGIENE PUBLICA—Estado Sanitario da Cidade de Belem pelo Dr. Briclo. Estado sanitario do Ceara pelo Dr. Meton. PHARMACIA—Vinho aromatico de Ferrand. NOTICIARIO—Relação dos doutorados em medicina e dos pontos sobre que escreveram suas theses. Fallecimento Emprego da fava do Calabar. Sabão neutro sem indicio de alcali caustico. Um caso de endocarrdite ulcerosa puerperal. Cegueira temporaria com albuminuria nas pyrexias. Tratamento da prisão de ventre habitual pela podophillina. Atropina na belladona. Da expectoração sero-albuminosa consecutiva a thoracentese Diagnostico e tratamento dos lipomas. Emprego do phenol como tratamento preventivo da raiva. Da medicação antiphlogistica e antipyretica. Paralysia espinal aguda. Signaes para diagnostico do delirio alcoolico febril. Indicações sobre o modo de acção dos alcalis nas queimaduras. Folhas de tomates e o seu emprego. FORMULARIO—Glycerolado de lodeto de chumbo. Novo collodio. Linimento calmante. Poção de iodo iodurado. Glycerolado de hydrato de cal e chloreto de etyio. Poção de acido nitrico.

DISCURSO PROFERIDO PELO CONSELHEIRO ARANHA DANTAS A 6 DE DEZEMBRO DE 1873 NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, POR OCCASIÃO DE CONFERIR O GRÃO DE DOUTOR EM MEDICINA AOS QUE ENTÃO TERMINARAM O SEU CURSO MEDICO.

Senhores Doutores—Aos Santos Evangelhos jurastes ha pouco seguir e praticar com honra, prudencia e humanidade uma elevada e generosa missão. Quiz Deos encarregar-vos de distribuir os seus mais preciosos dons—a saúde e a vida—confiando-vos em beneficios de nossos semelhantes os thesouros occultos da natureza

Assim o manifestam esses emblemas significativos de merito litterario, dos quaes vejo-vos ornados. Certo, não por cavillosas tramas, por empenhos, por dinheiro, ou por favor os conseguistes. Seis longos annos de continuado porfiar vol-o custaram: arduos foram os trabalhos que tivestes de vencer; grandes os embaraços que tivestes de desfazer: mas de pouca monta não era o galardão, que aguardava o vencedor: arcastes com immensas difficuldades, e nas lutas sahistes victoriosos: os arbitros vos declararam dignos e credores do premio, que a lei reserva para aquelles que o sabem ganhar.

Embora pois, vos dou, briosos lidadores! Vossos juizes, sempre vossos amigos, cordialmente se congratulam comvosco em fraternal amplexo pol-o bom resultado de vossos esforços, e por vossa elevação a este genero de sacerdocio.

Que é uma especie de sacerdocio que ides exercer, a razão o demonstra, e a religião o confirma. Conservar a saude do homem, sanar ou ao menos alliviar as innumeras molestias que affligem a misera humanidade, tal é o fim da medicina: a molestia porem é inexplicavel, se não nos reportarmos a um castigo da justiça: eu vol-o asseveno, sem querer impor-vos minhas convicções, que aliás absolutamente não empecem á sciencia na investigação das causas proximas: o remedio pois é de certo a expressão da Misericordia.

Aos medicos jamais prodigalizou instituição alguma humana tantas attenções e respeitos, quanto a religião. estatuindo essa doutrina. Honrar o medico é um de seus preceitos: inclinar-se ante a origem divina da medicina é um de seus ensinos. Vós sois, senhores, os instrumentos da Misericordia Divina: de vós depende ser os ministros. Eil-os titulos de nobreza que vos apresentamos: podeis ufanar-vos; que mais illustres ninguem vol-os offerecerá.

Até aqui a importancia e dignidade da profissão que abraçastes: agora o uso que na sociedade deveis fazer de vossas lettras e habilitações scientificas. Como nossos auxiliares no santo empenho de curar os nossos semelhantes, vós, senhores Pharmaceuticos, ligados pelas mesmas obrigações, estais igualmente adstrictos aos mesmos deveres. Acabada a tarefa de dar-vos lições, para remate incumbe-me ainda aconselhar-vos. Serei breve, resumido, substancial e resoluto.

Recebestes a investidura de um apostolado de abnegação e caridade. E bem! Dizia o egregio velho de Cos: cumpre que o medico tenha honra, gravidade, sciencia, perfeito conhecimento de tudo quanto é necessario á vida, desapego a todo objecto de trafico; e que estranho á superstição deixe só em todas suas acções predominar o espirito da divindade. Assim se exprimia, e com as palavras ajustava as obras esse veneranndo ancião, infelizmente nascido na caliginosa escuridão do paganismo, onde seria quiçá

conhecida a philantropia; a caridade, não: sereis vós somenos? vós que tivestes a suprema e ineffavel dita de receber o lume da Fé! Nem de leve o creio. Confio que vos não satisfareis com a só philantropia, virtude terrena e humana, cujo principio não é isento de egoismo: antes poderá só contentar-vos a maior das virtudes evangelicas, essa virtude angelica e divina—a caridade: tende sempre em lembrança as memoraveis e sublimes palavras do Divino Mestre: *Amar os que vos amam é de todas as leis: eu mando vos que ameis os proprios inimigos.*

A dôr approxima todos os homens: todos sem distincção tem igual direito ao vosso soccorro quer na paz, quer na guerra, quer na fome, quer na peste: tanto empenho, zelo e cuidado vos merece o desvalido sem nome, como o mais faustoso principe: aos pés do throno do Eterno não chegam os clamores do potentado mais de pressa que os gemidos abafados do miseravel e infimo peão: ante Deos e a sciencia estão ambos em identicas circumstancias.

Sede mui recatados e discretos nos casos, em que se suscitarem duvidas ou suspeitas de criminalidade.

Podeis com vossos juizos profissionaes decidir da vida, da honra, da liberdade do proximo: fortes na sciencia que aprendestes, tende sempre os olhos em Deus, a quem no temeroso juizo haveis de dar as mais estreitas e rigorosas contas, se por infelicidade das infelicidades vos deixardes arrastar das tentações da iniquidade, da prevaricação e do perjurio.

No vosso lidar profissional não ponhais nunca a mira no ganho: a convicção e o orgulho de ter salvado um nosso semelhante adunar-se não pode com ideas de sordido e vil interesse.

Tratai vossos doentes sem excepção com affabilidade; procurai desassombral-os e ganhar sua confiança. Combinai a firmeza de caracter, fundada nos solidos principios da sciencia, com certa docilidade: em contacto com vossos doentes nunca vos presteis a pensamentos ou a insinuações que desmintam os dictames da honra: nem propale jamais a lingua quanto os olhos e os ouvidos testemunharem: ouvir, ver, calar.

Procurai suavisar dôres inevitaveis, e inspirar coragem aos desanimados: fortalecei tambem o animo d'aquelles que marcham para uma dissolução infallivel e propinqua: não lhes negueis o ultimo recurso dos infelizes; a esperança, uma possibilidade, uma crise, um successo imprevisto, o poder de Deos, tudo sim: mas precipitar vossos doentes com uma sentença irreflectida, prematura, não o façais.

Assim desempenhando o vosso ministerio, sereis no mundo felizes e honrados, como vol-o desejo.

INSTRUCÇÃO UNIVERSITARIA

RELATORIO SOBRE A ORGANISAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES FACULDADES DE MEDICINA DA EUROPA.

Pelo Dr. V. Saboia

(Continuação do n. 152)

Convém agora observar que os titulos adquiridos em Berlim por meio desses exames são puramente scientificos, e não dão de modo algum direito ao exercicio da profissão.

Todo doutor em medicina que quizer exercer a clinica, tem de passar por um novo exame chamado *de estado*, perante uma commissão medica nomeada pelo Ministerio da Instrucção publica.

Os exames começam todos os annos em novembro e não devem prolongar-se além do meado de Julho do anno seguinte.

Os pedidos devem ser dirigidos até ao fim do anno respectivo.

Esses exames versam: 1.° sobre anatomia, physiologia e anatomia pathologica; 2.° sobre cirurgia e ophthalmologia; 3.° sobre medicina; 4.° sobre obstetricia e gynecologia; 5.° emfim sobre uma lição oral.

A esses exames têm de sujeitar-se todos os candidatos sem excepção na ordem supramencionada, e não ha consideração para qualquer ramo a que elles queiram dedicar-se.

O exame de anatomia, tanto physiologica como pathologica, e de physiologia presta-se diante de tres membros da commissão de exame, especialistas nessas materias. Cada materia constitúe o objecto de um exame, ao qual só podem apresentar-se de cada vez quatro candidatos. Na parte anatomica do exame, o candidato tem de tirar por sorte um ponto de ostelogia e um de esplanchnologia, e de dissertar *ex tempore* sobre elles descrevendo as preparações apresentadas. Além disto tem cada candidato de fazer a preparação de nervos, que

fôr designada pelos examinadores, e de demonstral-a depois perante um dos examinadores.

Na parte physiologica do exame tem o candidato de fazer uma dissertação oral sobre um ponto de histologia e outro de physiologia, tirados á sorte, patenteando os seus conhecimentos no emprego do microscopio e em uma preparação apropriada feita pelo candidato para tal fim.

No fim de cada improviso lavra-se um protocolo com apreciação e critica do modo pelo qual sahiu-se o candidato no desenvolvimento do thema que lhe foi dado. O juizo sobre o resultado da parte anatomica do exame é baseado nas criticas sobre os dois improvisos anatomicos e a preparação de nervos, assim como o julgamento da parte physiologica é fundada pela mesma sorte na critica feita sobre os dois improvisos de histologia e physiologia. Si o julgamento final do exame anatomo-physiologico é tal que o candidato tem nota *boa* em anatomia e *soffrivel* em physiologia, então tem elle de fazer outra vez exame da parte physiologica depois de um lapso de tempo marcado pelo presidente e *vice-versa*. Si porém em uma das partes do exame ou em ámbas a nota fôr *má*, então o candidato tem de fazer de novo todo o exame no anno seguinte. O presidente só póde admittir ás outras secções de exames aquelle que pelo menos tenha obtido a nota *boa* no julgamento final do exame anatomo-physiologico.

Na parte anatomo-pathologica dos exames o candidato tem de fazer a autopsia de um cadaver ou pelo menos a preparação de um producto morbido que alli tiver encontrado, demonstrando a preparação anatomo-pathologica com o auxilio do microscopio si o caso exigir. O resultado insufficiente desta parte do exame, que é tambem criticado em um protocolo, como acima dissemos, exige um novo exame no anno seguinte.

O exame cirurgico divide-se em duas partes: uma clinica e outra theorica. O exame clinico tem logar no hospital, e á cada candidato entregam-se dois doentes por espaço de oito dias. No primeiro dia do exame um dos membros da commissão apresenta pela manhã a cada candidato o primeiro doente; no dia seguinte outro membro da mesma commissão faz entrega do segundo doente, e durante os oito dias o estudo dos dois doentes é alternadamente vigiado pelos dois membros da commissão.

Na presença do examinador o candidato deve estabelecer as relações etiologicas, o diagnostico e prognostico, bem como o plano de tratamento. Depois de ter examinado o doente, o candidato é levado para uma sala e ahi isoladamente, sem auxilio de estranho, redige a observação em fórma de memoria medica e assignando, a entrega ao examinador encarregado de vigial-o.

Nos sete dias seguintes tem o candidato de visitar pela manhã e á tarde os dois doentes, e de fazer uma descripção da marcha da molestia e dos effeitos dos meios empregados. O candidato é sempre acompanhado na visita da manhã pelo examinador respectivo, que depois de ter no primeiro dia lido e feito a critica da observação que lhe foi entregue, certifica-se nos outros dias das habilitações do candidato no exame de outros casos, na justa discriminação das fórmas pathologicas e na execução das operações de pequena cirurgia.

No curso mesmo do exame clinico tem logar o exame technico. Para isto o candidato tem dois pontos tirados á sorte: um deve versar sobre a apreciação de um methodo operatorio e instrumentos necessarios para executal-o; o segundo deve referir-se a um caso de fractura ou de luxação, seguindo no cadaver a execução do meio ou aparelho que se tem de empregar.

Si couber por sorte uma operação que não possa ser executada no cadaver, o candidato tem de fazer a sua historia e estabelecer as indicações, terminando sempre por praticar a ligadura de um vaso ou uma outra operação designada pelos examinadores. Para concluir o exame cirurgico o candidato tem de examinar um caso de molestia de olhos durante tres dias e fazer delle uma memoria.

O julgamento do exame cirurgico é baseado nas notas alcançadas nas duas partes de que se compõe o exame, e si em qualquer dellas não tiver dado boas provas, deve repetir todo o exame.

O exame medico é essencialmente clinico e feito em suas partes de conformidade com o exame cirurgico; mas os candidatos devem muito especialmente mostrar as diversas fórmulas dos medicamentos que convém empregar nos dois casos submettidos á sua apreciação, escrevendo perante os examinadores as doses maximas e minimas de certos medicamentos que estes designarem. Os candidatos que se mostrám fracos nesta parte do exame, são considerados como tendo sido mal succedidos em todo o exame medico, ainda que te-

nham mostrado em tudo mais bastantes conhecimentos scientificos.

O exame obstetrico e gynecologico consiste na observação por espaço de sete dias de duas mulheres que se achem em trabalho de parto. O candidato deve examinal-as, designar o periodo do parto, a apresentação e posição do féto, o prognostico e o processo obstetrico. Os cuidados exigidos em um parto normal devem ser prestados pelo proprio candidato; no caso porém de um parto anormal, a operação é feita pelo chefe da Maternidade ou seu assistente. Depois de terminados os partos, o candidato escreve então em casa as observações e as entrega aos examinadores no dia seguinte, e vai quotidianamente tomando nota dos phenomenos que se apresentam e das complicações que possam sobrevir tanto á mulher como ao féto. Durante ou depois do exame clinico o candidato deve sujeitar-se a um exame technico no manequim, e que consiste no diagnostico das diversas posições, na execução da versão e na applicação do forceps, quér nas apresentações de cabeça, quér nas de pés. O candidato que deixar de satisfazer qualquer das partes do exame obstetrico, tem, sob proposta do presidente, de repetil o por inteiro.

O exame oral é feito publicamente perante tres membros da commissão e um professor de medicina legal e hygiene.

Só póde ser admittido a esse exame o candidato que em todas as secções precedentes tiver obtido pelo menos a nota *boa*. O exame versa sobre os assumptos de pathologia geral e especial, de therapeutica, de cirurgia, de obstetricia, de pharmacologia, de medicina legal e hygiene, que se devem suppôr mais necessarios a um medico.

Os examinadores no fim desse exame lavram o seu protocolo com a nota alcançada em cada um dos ramos do exame: e com um voto para *máu* ou dois para *soffrivel*, o candidato é reprovado.

Quando o candidato é pelo contrario aprovado nesse exame, examinam-se as notas nas quatro secções dos exames anteriores, e pronuncia-se o resultado final pelas notas—*optimo*, *muito bom*, *bom*, *soffrivel* e *máu*. Tem direito á nota—*optimo* o candidato que em todas as cinco secções obteve a nota muito bom, e á nota muito bom o que obteve a nota do mesmo genero em tres das secções de exame.

A repetição de uma secção de exame ou de uma parte da secção pelo candidato que foi reprovado só póde ser permittida por ordem do Governo. O lapso de tempo, depois do qual póde-se repetir o exame, é marcado pelo presidente, sendo pelo menos de seis mezes para os candidatos, que tiveram nota—*má* e de tres para os de nota—*soffrivel*. O reprovado que não comparece a exame no tempo marcado, perde o direito de repetil-o.

Com o exame de estado cada candidato tem de pagar uma taxa que monta em Berlim a 68 thaleres, que corresponde a 170$000 em nossa moeda.

Tal é em resumo a organisação das duas Faculdades medicas mais acreditadas da Allemanha, e ainda que alli se encontrem alguns defeitos, filhos dos habitos e costumes dos povos, todavia não ha quem desconheça a sua superioridade e solidez em relação ao desenvolvimento que têm tido as sciencias medicas nos tempos modernos. Esses progressos realisados pelas Faculdades de medicina da Allemanha datam certamente da época em que se procurou, com a creação dos institutos praticos, banir do ensino todas as doutrinas que não fossem susceptiveis de demonstração. E assim foi que a anatomia e a physiologia, baseando-se na observação e experiencias, subtrahiram as sciencias naturaes ao jogo da philosophia ideal de Schelling, e têm attingido a um gráu de esplendor que fará a gloria do nosso seculo. Foi tambem depois disto que se procurou firmar a clinica nos estudos dos symptomas objectivos e nas lesões anatomicas, reconhecendo-se que a utilidade de uma escola de medicina consiste em ter um ensino pratico, do qual participem todos os alumnos, para que estes possam por seu lado adquirir esse espirito de observação preciso e positivo, que não abandona nada ao acaso, nem se perde em descabidas considerações sobre á força vital.

Taes são, meus senhores, as bases mais importantes da organisação das Faculdades de medicina da Europa. Accommodadas á indole e caracteres de povos diversos, ellas não poderiam offerecer nem-uma uniformidade em suas disposições fundamentaes: mas certamente muitas cousas alli se encontram, que poderiam ser adoptadas entre nós ou na organisação de nossas duas Faculdades. Deixamos entretanto ao vosso criterio e á apreciação dos poderes competentes a utilidade e vantagens de assentar em bases mais solidas o ensino medico em nosso paiz, e passamos a tratar do objecto da segunda parte deste trabalho.

HYGIENE PUBLICA

ESTADO SANITARIO DA CIDADE DE BELÉM NO MEZ DE NOVEMBRO PROXIMO FINDO

Em geral o mez de Novembro foi bem doentio para a capital do Pará, e segundo informações que tenho o foi tambem para os outros lugares do interior da provincia.

Deixando de parte as molestias que são para bem dizer habituaes, occupar-me-hei neste escripto tão sómente das que grassaram formando *morbos extraordinarios*.

A *variola*, que fez sua invasão nesta capital ha mais de anno, e que tinha diminuido de intensidade nos mezes de Agosto e Setembro, recrudesceu em Outubro e Novembro, devido isto provavelmente á grande elevação de temperatura que houve nesses dois mezes. O calor foi na verdade abrazador. A circumstancia de já terem sido atacados muitos individuos, e o inverno que nos bate ás portas, dão-me esperanças de que a molestia tenderá a declinar.

É para admirar como uma molestia para a qual ha um preservativo efficaz, como é a *vaccina*, faça, de vez em quando, em todo o Brazil seus estragos. A culpa não deve recahir sómente sobre os que não procuram vaccinar-se; mas, e em maior escala, sobre os que — sendo *atalaias* da salubridade publica — não fazem vêr ao povo a necessidade da *vaccinação*. O governo pelo seu lado devia fazer com que a *vaccinação* fosse obrigatoria.

Nesta capital em epocha em que não reina a *variola* pouco se *vaccina* e muito menos se usa da *revaccinação*! O nosso systema tem sido este: providencias, e estas nem sempre as mais acertadas, quando o *inimigo* se acha entre nós.

Nisto nos assemelhamos a certas velhas beatas que só se lembram de *Santa Barbara* na occasião das trovoadas. O que resulta de semelhante systema? aquillo que entre nós se está dando — ter a molestia encontrado excellente terreno para a sua evolução! É isto bem triste, mas é a realidade.

Vem a proposito communicar á illustre redacção da *Gazeta Medica* o tratamento que tenho seguido na *variola*, e do qual tenho, na generalidade dos casos, tirado os mais satisfactorios resultados. É elle bem simples: para uso interno — *vinho quinado* com *acido phenico*, e para uso externo — *banhos quentes* (um á dois por dia). Uso dos banhos antes, mesmo do periodo da *secca*. Logo que a *erupção* se manifesta eu os emprego. Os doentes sentem grande allivio, e os periodos da molestia como que marcham mais rapidamente. Depois dos banhos e para conservar a pelle em certo grau de humidade mando fazer unc̃ão sobre todo o corpo do doente com a *glycerina*. Por estes meios a deseccação das pustulas se faz com rapidez, e raros são os casos que terminam por *pyohemia*.

A principio os doentes sentem grande repugnancia para o uso dos banhos, pela ideia que ha entre o povo de que fazem elles *recolher o mal*. Tomando o primeiro os enfermos são os proprios a pedirem a continuação.

O modo porque as pustulas variolicas se desenvolvem nestas ou naquellas partes do corpo não nos podem indicar a proficuidade do methodo de tratamento de que uso, methodo que é o que aconselha, com pequena differença, o grande dermatologista allemão — *Hebra*? Parece-me que sim. Qual a razão porque as pustulas que se formam nas membranas mucosas não tomam grande desenvolvimento e o liquido quasi nunca se torna purulento? Não será isto devido á *secreção* das mesmas?

Sendo isto assim, porque não havemos de fazer com que a superficie cutanea se conserve sempre em certo grau de humidade?

Depois da variola as molestias mais frequentes foram *bronchites*, em geral leves, sendo poucos os casos de *bronchite capillar*, e o *sarampo*. Esta ultima enfermidade appareceu ha mais ou menos 3 mezes, mas foi durante o mez findo que reinou com maior intensidade. Todos os casos tem sido em geral benignos. Nos que tenho observado tenho notado o seguinte: no *periodo podromico* a febre apparece; atura umas duas ou tres horas e desapparece, por pouco tempo, seguida ora de simples humidade da pelle, ora de suores abundantes, para reapparecer de novo acompanhada dos mesmos phenomenos. Simula uma verdadeira *febre remittente*. Atura este estado de coisas 2 ou 3 dias, para apparecer então a *erupção*. A *tosse*, *corysa*, e a *inflammação das conjunctivas* tém-se apresentado quasi sempre no segundo periodo ou periodo de *erupção*. Foi, pelo menos, o que observei em minha clinica.

carregados, com poucos dias de estada aqui, passeiarem pelas ruas!

Com os d'aqui se tem dado o mesmo em outros lugares.

O que prova tudo isto?

Não me compete responder, mesmo por hypothese.

Temos tido alguns casos de parto laboriosos e como não temos especialistas aqui, cada um de nós vai usando daquelles meios que os seus conhecimentos dictam.

O sarampo que tinha desapparecido, recrudesceu, porem, com benignidade.

Tem apparecido alguns casos de varicella e receio que a variola, que por ahi anda fazendo victimas, nos venha bater ás portas.

Sei que no Rio de Janeiro ella tem desrespeitado, até mesmo as immunidades!

A syphilis primaria, em principio de verão (secca), se manifesta aqui *in magna quantitate* e a prova disto é que nas minhas enfermarias dos homens, só no mez de p. passado tive 17 individuos que entraram para o hospital com cancros venereos, em um total de 30 e poucos doentes.

Contra ella, como contra a secundaria eu, nestes dous annos em que estou no hospital, tenho tirado as maiores vantagens com pilulas e pós de minha combinação. Em certos doentes o effeito é tão rapido que faz admirar. As formulas não são empiricas, e os agentes são energicos e conhecidos; eil-os:—Internamente.

12 pill. igs. { sublimado corr... 5 cent. / extracto d'aconito / dito de guaiaco. } anà 6 decigr.

Externamente:

1 f.a { Sulfato de cobre... 5 cent. / Calomelanos..... 6 decig. / Camphora em pó.. 12 — }

Raro é que por effeito da applicação dessas pilulas, se manifeste uma ligeira estomátite, (cede logo aos meios proprios) como é raro encontrar-se doente que não possa supportal-as.

Chamo a attenção sobre ellas, visto a vantagem que tenho tirado aqui.

Nos casos de syphilis terciaria ellas, só por si, não aproveitam muito; mas conjuntamente com o iodureto de potassio, em dóses crescentes, dão magnificos resultados.

Tenho tido alguns casos de ferimento penetrante no thorax e com a applicação de uma atadura circular que evite os movimentos de expansão das suas paredes e prescrevendo internamente uma poção com tintura de digitalis e nitro, tenho conseguido curar, em poucos dias, doentes bem graves. Não quero dizer que o meu methodo seja o salva vidas—dos feridos; mas creio que elle auxilia muito a natureza no seu proposito.

O meu amputado do penis, velho de 60 e tantos annos, sahiu perfeitamente curado.

Tenho uma doente de ulceras syphiliticas na vulva, e que estava gravida de 4 para 5 mezes. Tendo-lhe eu applicado o iodureto de potassio na dóse de 12 decigr. por dia, dissolvido em agua, os symptomas de aborto, não se fizeram esperar, e, não obstante os meios empregados para evital-o, 24 horas depois teve lugar.

O trabalho fez-se naturalmente bem; mas sobreveio á doente uma febre puerperal, com symptomas de peritonite (para que não houvesse duvida) que cedeu pela acção energica, do sulphato de q. q.: esse khalifa da therapeutica, tão necessario a medicina, como a hostia à religião!

O velho de Cos, 460 annos antes de Christo, se conhecesse as propriedades das cascas do Perú, seria ainda hoje o *ancião divino* como o chamavam!

Tendo nós apresentado nosso mappa estatistico trimensal a meza regedora do hospital, rogo-lhe o obsequio de publical-o na gazeta só com o fim de mostrar que temos muito trabalho para dous medicos. Eil-o: —Existiam—111—entraram—513—sahiram—485—falleceram—33—ficaram em tratamento—108.

O obituario desta vez foi um pouco crescido; mas não é desfavoravel.

Outubro de 1873.

Dr. *Meton da F. Alencar.*

PHARMACIA

VINHO AROMATICO DE FERRAND

O vinho aromatico é uma d'estas velhas preparações, que, graças a uma modesta, mas certa efficacia, tem podido atravessar os diversos periodos de transformação da therapeutica.

Inscripto no *codex* francez de 1732, não tem cessado de figurar nas diversas edições do formulario legal, que se teem succedido desde então, 1818, 1837, 1866. Salvo algumas

Os casos de *febre amarella* foram em pequeno numero, atacando de preferencia a molestia aos estrangeiros recem-chegados.

Tive occasião de observar dois casos de *crup*, sendo ambos em meninos de uma só familia. Alem destes dois casos não sei se houve mais algum. Em um dos doentes foi praticada pelo meu illustre collega Dr. Lemos, ajudado por mim, a *tracheotomia*. Tudo correo perfeitamente e quando confiavamos, medicos e familia do doente, em um prompto restabelecimento, o mal reproduzio-se, sendo inuteis todos os esforços por mim empregados e pelo meu illustre collega. O doente falleceo 5 dias depois de operado.

Rematarei o presente escripto dando noticia de uma molestia, cujos primeiros casos appareceram em principio de outubro, sendo que em novembro deram-se casos frequentes.

Caracterisa-se a molestia por *vomitos*, *gastralgia* (não exagerada) e *diarrhéa* com caracter *bilioso*.

Logo que o mal appareceo as opiniões medicas dividiram-se. Uns diziam que era o *cholera-morbus*, não sei se *europeu* ou *asiatico*. Outros sustentaram que eram casos de *envenenamento* devido a terem individuos affectados comido *peixe moqueado* e morto com um veneno vegetal—o *apacú*. Havia uma terceira opinião, e a menos numerosa, que capitulava o—morbo--de *gastro-enterite*. Não observei os primeiros casos, mas a julgar pelos que tenho visto não me repugna diagnosticar a molestia—*gastro-enterite choleriforme* se quizerem. Desta opinião são tambem os meus collegas Drs. Lemos e Americo Marques, com os quaes conversei sobre o assumpto.

Esta enfermidade não é nova na capital do Pará, e costuma a apparecer sempre com a mudança do inverno para o verão e de ordinarios nos mezes de maior calor. A não serem os primeiros casos de outubro, que foram fataes, os que tem apparecido tem cedido a qualquer applicação. Tenho me dado bem, nos casos por mim observados, com a *infusão de camomilla* com algumas gottas de *laudano de Sydenham e subnitrato de bismutho*.

Hoje, depois de passada a primeira impressão, ninguem mais falla em *cholera-morbus* e muito menos em *envenenamento*.

Belém 6 de Dezembro de 1873.

Dr. J. P. Bricio.

ESTADO SANITARIO DO CEARÁ

Depois da ultima correspondencia que lhe enviei, em que lhe disse que o *beriberi* felizmente nos tinha deixado, fiquei muito surprehendido quando li no *Cearense* a noticia de que esse terrivel mal se tinha desenvolvido com intensidade no seminario atacando logo 80 seminaristas!

Esse noticia, porem, não se verificou—*in totum*—como me affirma o collega que clinica lá e se vê do protesto do reitor d'aquelle estabelecimento, no mesmo jornal, em que diz que são dez e não oitenta o numero dos que foram novamente atacados!

Mesmo assim, é de temer-se que molestia tão insidiosa, como essa sabe ser, e cuja cauza, natureza e therapeutica são ainda problemas, nos venha ainda incommodar; tanto mais quanto ella aqui não pode ser bem conhecida, porque não tem sido bem estudada, como deve ser, devido isto á que a mór parte dos affectados, certos de que ella é desconhecida, por assim dizer, e que contra ella bem pouco pode a nossa therapeutica, não procuram os profissionaes e por si sós passeiam, banham-se no mar, embarcam, convencidos do que estes são os unicos meios que lhes poderão trazer allivio.

Eu não tenho perfeito conhecimento do *beriberi*; mas creio, cá para mim, que este novo transfuga da India, se não é contagioso, não deixa de ser infeccioso, tendo por origem um miasma qualquer.

Assim temos notado que elle não accommette uma ou outra pessoa, e sim a muitas, que vivem em identicas, ou differentes condições; e á que é devido isto?

Este inimigo, assim como o cholera tem tido seus caprichos aqui; tendo atacado no seminario e começado no quartel de linha, tem respeitado o Atheneu Cearense e o hospital de Misericordia, onde ás vezes se dá accumulo e as condições hygienicas differem das dos outros estabelecimentos.

Ha bem poucos dias foi victima do *beriberi* um joven empregado de uma casa commercial d'aqui.

A mudança de clima quasi sempre aproveita no tratamento, sendo melhor a viagem por mar do que por terra, não obstante sabermos quaes são as condições athmospericas, dieteticas e hygienicas á bordo.

Temos visto doentes vindos do Maranhão, provincia mais perto, que embarcaram lá

variantes nos numeros, e relações dos componentes, o modo de preparação tem sido sempre o mesmo: é um macerado de plantas aromaticas em vinho tinto. Com effeito, depois de 1819 as especies vulnerarias teem mudado um pouco de natureza.

O primeiro, e veneravel monumento da existencia legal das formulas, além das folhas, e sumidades do hyssopo, de hortelã, losna, alecrim, etc., prescrevia as folhas do loureiro, flores da cammomilla, de sabugueiro, etc., e sal ammoniaco pulverisado, do qual a distribuição na massa das especies aromaticas devia ser bem irregular.

A edição de 1818 supprime o sal ammoniaco, e as flores propriamente ditas, para deixar tão sómente as folhas, e summidades floridas. É ainda o vinho puro, sem addição de alcool, que serve de vehiculo dissolvente.

Depois de 1837, um progresso real, mas insufficiente, foi introduzido na preparação. Depois da expressão, e filtração do macerado, ajuntam-se 64 grammas de alcoolato vulnerario por kilogramma de vinho. Para augmentar as causas de conservação do producto, os contemporaneos teem elevado a alcoolisação, chegando a 100 grammas a quantidade de tinctura vulneraria.

Tal, como resulta destas ultimas indicações, o vinho aromatico não tem escapado á critica. E claramente, todos sabem com que rapidez, e em que abundancia, o vinho aromatico deixa depositar proporções consideraveis de materias organicas. Debaixo da influencia, sem duvida, destes depositos, o producto se torna acetico, principalmente nos frascos mal cheios: a descoloração se manifesta, e no fim de contas não ha similhança apparente entre os dois vinhos aromaticos, o modernamente preparado, e o antigo.

Este deffeito de boa conservação pertence exclusivamente ao pharmaceutico o avalial-o, de quem os constantes esforços devem tender a dar uma grande permanencia aos compostos officinaes saidos de suas mãos. A uniformidade do medicamento não será realmente obtida, senão quando se tiverem tornado inalteraveis os productos do laboratorio, seja por modificações na relação e numero dos componentes, seja pelas mudanças no manual operatorio. Nós insistimos, e teremos muitas vezes occasião de insistir, sobre esta mui essencial observação, por que os medicos, e o publico, que não estam no caso de poder conhecer as condições moveis nas quaes se prejudica a conservação d'alguns compostos officinaes, tiram do conhecimento de certas variações inducções em geral pouco favoraveis á profissão do pharmaceutico.

Um outro reparo mais grave ainda por que interessa ao modo de acção do medicamento, tem sido feito ao vinho aromatico pelo Sr. Ferrand, de Lyon.

« Que se faça uso, diz este sabio pratico, « do vinho aromatico, preparado segundo a « formula do antigo, ou do novo codigo, vêem- « se ás compressas embebidas neste vinho sec- « carem-se, depois adherir á superficie das fe- « ridas: do que resulta que a cada mudança de « appositos, se não tem a precaução de humedecer bastante as compressas a tirar, e esperar sufficientemente, se faz soffrer o doente: arranca-se o tecido da cicatriz em via de « formação, e se entretem assim a de que se « queria abreviar a cura. »

« Convem, pois, acrescenta o Sr. Ferrand, « modificar o vinho aromatico no que toca á « sua applicação á medicina. Ora é por inter- « venção da glycerina, que proponho obviar « aos inconvenientes do vinho aromatico co- « nhecido. »

Este nosso collega apresentou á sociedade de medicina de Lyon duas compressas guardadas nas mesmas condições de seccura, depois de terem sido humedecidas com partes iguaes, em pezo, de tecido, e de liquido, uma com o vinho aromatico ordinario tornada secca ao fim de tres horas, outra com o mesmo vinho glyceronado com 25 por 100, depois de tres mezes, estando ainda humida, e como gordurosa ao tacto.

A substituição de 1 parte de glycerina a 1 parte de vinho sobre 4, parece-nos extremamente vantajosa. Quando se sabem os bons resultados, que os cirurgiões obteem das mixturas de glycerina e alcool, de glycerina, e aguardente camphorada, que são diariamente preparadas nas boticas da cidade, e dos hospitaes, não se póde deixar de applaudir uma modificação tam racional.

Além d'isto, e é sobre tudo no que como pharmaceuticos devemos aceitar com muito favor a innovação do Sr. Ferrand,—a glycerina concorre para a conservação do vinho aromatico mantendo em solução elementos, que tendem a separar-se no vinho aromatico simples.

Segundo as experiencias do auctor, o vinho glycerinado tem podido conservar-se durante

muitos mezes sem alteração alguma apparente nos frascos mesmo não cheios.

O Sr. Ferrand não se tem limitado a isto: elle tem averiguado se o modo operatorio prescripto pelo codex é bem comprehendido, e se seria possivel fazer só uma operação em logar de duas com materias melhor despojadas.

E em primeiro logar, elle critica com justa rasão o nome de *tinctura vulneraria* dado pelo codex a um preparado, que, feito com plantas frescas, melhor merece o nome de *alcoolatura* Mas deixemos esta chicana sobre uma falsa denominação, que, no fim de tudo não dá grandes consequencias. O que é mais grave, para quem não tem a missão de rediger formulas, mas que tem o dever de as executar, é que é quasi impossivel reunir na mesma epocha, no estado de colheita exigida, as plantas frescas, que compõem a alcoolatura vulneraria (ha differenças de um e dois mezes de datas na sua expedição). É pois necessario preparar a tinctura vulneraria—d'esta vez é uma verdadeira tinctura—com um pezo de plantas seccas, que corresponda ao estabelecido entre o alcool e as plantas verdes. Esta relação é, segundo o Sr. Ferrand, de 175 grammas de plantas para 1000 grammas d'alcool.

Em consequencia, o pharmaceutico de Lyon propõe o *modus facciendi* seguinte:

Especies aromaticas propriamente ditas.....	1000	grammas
Especies aromaticas para tinctura vulneraria.....	175	grammas
Alcool de 80°.....	1000	grammas
Glycerina.....	2625	grammas
Vinho mixturado de glycerina	2625	grammas
Vinho puro.....	4750	grammas

Regue-se de espaço em espaço com o alcool n'um apparelho de deslocação: mantenha-se a maceração alcoolica durante cinco dias, deslocando com a glycerina mixturada de quantidade igual de vinho, e finalmente com o vinho só: exprema-se na prensa: reunam-se as coaduras: filtrem-se depois de 48 horas, ou ainda melhor depois de oito dias, e limitando a purificação á decantação para evitar a acção do ar sobre cada uma das gotas, que resultam da filtração, empregando esta sómente para o deposito.

Nossa approvação, sem reserva, é dada á maceração previa das especies aromaticas no alcool. É inutil insistir nesta medida, que se justifica por si mesma, cuja falta não pertence aos pharmaceuticos praticos por isso que não figura no codex. Apresentada como regra geral de preparação dos œloneos, todas as vezes que houver de se ajuntar alcool ao vinho, ella foi expressamente recommendada na especie, que nos occupa, pelo Sr. Paul Blondeaux, relator na questão dos vinhos medicinaes na sociedade de pharmacia de Paris. Porque a commissão superior de revisão se negou a adoptar este evidente aperfeiçoamento? Mysterio, que não é permittido aos humildes jornalistas penetrar!

De boa vontade concederemos ao Sr. Ferrand que a mixtura de partes eguaes de vinho e glycerina dissolve melhor do que o vinho só os principios volateis, fixos, tannicos, e outros mas o que não poderemos admittir é o methodo de deslocação applicado á preparação dos œnoleos em geral. Nos ajuntaremos que de todas as substancias, as especies aromaticas sam a nosso ver, as que se prestam menos a este modo do tratamento. Que se recorra a elle n'um caso especial, concede-se: mas que se transforme esta pratica em um systema dogmatico e invariavel de preparação do vinho aromatico, é o que não podemos concordar.

Será necessario repetir de novo as mui serias objecções, que teem sido formuladas contra o methodo de deslocação em geral, objecções, que não teem sido destruidas por alguma experiencia, nem por alguns resultados positivos? Os falsos caminhos, feitos e seguidos pelos liquidos, as camadas imperfeitas, as precauções a tomar para a escolha da grossura dos pós, a obrigação de empregar vasos de forma especial, a habilidade, o habito particular, que exige esta operação, tudo concorre a tornar a solução por meio da deslocação muito mais difficil, e incerta do que parece á primeira vista. Certos operadores se dão bem com o emprego do methodo de deslocação: ao maior numero so fornece mui pobres solutos. Em theoria esta cousa é excellente na pratica, a meceração será sempre preferida, porque constitue uma operação pharmeceutica das mais simples, e mais faceis, que satisfaz infallivelmente nas mãos de todos, e que póde sempre ser levada ao fim sem vigilancia, e sem a menor precaução a tomar.

Estas consideráções, verdadeiras para as tincturas obtidas com liquidos alcoolicos com uma grande riqueza, são applicaveis, com muito mais força aos œnoleos, dos quaes a tendendencia á acidificação é muito grande. Se se acrescenta que, no caso do vinho aromatico, as especies, para serem despojadas com rigor, deverão ser reduzidas a um estado de pó gros-

seiro, que, não poderia ser obtido senão depois de uma avançada dissecação das plantas, e por consequencia perda de principios volateis, fica-se auctorisado a concluir que a maceração é sem duvida, o melhor processo de preparação.

Temos largamente analysado as modificações, introduzidas pelo Sr. Ferrand, na preparação do vinho aromatico. As duas principaes, maceração de todas as plantas no alcool, e substituição de um quarto do vinho por glycerina, constituem os verdadeiros aperfeiçoamentos, que, um dia, entrarão por força na pharmacopéa. Quanto á critica que temos feito da saturação pelo methodo de deslocação, repousa ellá sobre uma apreciação doutrinal evidentemente sujeita a controversia Pessoalmente, nós tendemos para a maceração, quando se quer tratar uma substancia por um pezo limitado de liquido; mas é forçoso reconhecer que a opinião contraria tem numerosos defensores.

Oxalá podessemos sempre ter de dar conta de trabalhos tão interessantes como estes: alguns avaliam-se bem dizendo: a pharmacia chimica póde ser estudada com resultado proveitoso: deixar viver, taes como estão, os preparados galenicos, que não querem decidir se a acabar. Tal não é nossa intenção. Que fixas observações a fazer, que progressos a indicar, que erros a combater, que estudos a fazer no campo, hoje tam despresado dos medicamentos galenicos! Apesar da resistencia de alguns collegas para tudo, que exige analyses chimicas, ainda existem mui boas, e respeitaveis reputações. (*Jornal de Pharmacia.*)

NOTICIARIO

Doutorado em medicina.—No dia 7 do corrente teve logar na Faculdade a collação do grau. Eis a relação dos academicos que se doutoraram e os pontos sobre que escreveram suas theses:

João José de Souza Menezes—*Pantanos.*

Alfredo Caria—*Alterações das secreções cutaneas nas molestias.*

Francisco de Paula Oliveira Guimarães—*Do emprego das preparaçõcs mercuriaes na clinica das molestias syphiliticas.*

Antonio Joaquim de Barros Sobrinho—*Qual é o melhor tratamento da angina diphtherica?*

Francisco Moniz Ferraz de Aragão—*Considerações sobre a etiologia e o tratamento da molestia de Adison.*

Jonathas de Freitas Pedrosa—*Hemorrhagia traumatica.*

Saturnino Thomaz d'Aquino—*Indicações da operação do cancro.*

Manoel Dantas—*Do emprego das emissões sanguineas na pneumonia.*

Antonio Rodrigues Teixeira—*Dystocia proveniente do féto e suas indicações.*

Macario Gomes de Cerqueira—*Hemorrhagia uterina durante o delivramento e suas indicações.*

Raymundo de Arêa Leão—*Febre remittente das regiões tropicaes.*

Manoel José de Pinho—*Histologia dos rins e suas alterações morbidas na albuminuria e na molestia de Bright.*

João Alves Borges—*Hemorrhagia uterina durante o delivramento e suas indicações.*

José Antonio Ribeiro de Araujo—*Queimaduras.*

Estanisláo Emilio de Britto—*Feridas por arma de fogo.*

Gabriel Gomes de Britto—*Fractura do radius e seu tratamento.*

Tito Rodrigues Vaz—*Tuberculose miliar aguda.*

Manoel Ludgero de Oliveira Campos—*Em que consistem os temperamentos? É possivel modifical-os, transformal-os, destruil-os? Quaes os meios hygienicos?*

Raulino Francisco de Oliveira—*Indicações e processsos operatorios do parto prematuro artificial.*

Lino Romualdo Teixeira—*Casos em que se deve provocar o aborto.*

Trajano Borges de Abreu Marques—*Tetanos traumatico e seu tratamento.*

Vicente de Paula Silva—*Tetanos traumaticos e seu tratamento.*

Antonio Hermenegildo de Castro—*Regimen dietetico nas molestias agudas e chronicas.*

Julio Adolpho da Silva—*Qual é o melhor methodo de curar uma ferida depois de uma operação?*

Francisco Alexandre Guedes Chagas—*Obstaculos ao parto provenientes do collo do utero e suas indicações.*

Pedro Augusto Borges—*Obstaculos ao parto provenientes do collo do utero e suas indicações.*

José Lopes da Silva Junior—*Feridas por armas de fogo.*

Pedro Severiano de Magalhães—*Symptomas fornecidos pelos orgãos da circulação.*

Epiphanio José Pedrosa—*Histologia dos ovarios e suas alterações normaes e pathologicas.*

José Maria da Silva Velho—*Queimaduras.*

Constancio dos Sanctos Pontual—*Que juizo deve-se fazer do tratamento dos aneurismas por meio da compressão.*

Pedro Ribeiro Moreira — *Pyoemia e Septicemia.*

Constancio Carlos de Souza Uzel—*Obstaculos ao parto provenientes do collo do utero e suas indicações.*

Julio Cesar de Castro Jesus— *Febre remittente das regiões tropicaes.*

* *
*

O Dr. Rodrigo Carvalhal.—Escrevem-nos do Ceará:

Mais um golpe fatal!

Mais uma victima desse monstro invisivel que persegue o homem, desde que se gera até que fallece!

O Dr. Rodrigo Aprigio de Carvalhal já não existe!

Choremos a sua ausencia. No alvorecer da vida baixou á campa!

Longos foram os seus soffrimentos e frequentes as vigilias, alem dos sacrificios, para obter uma posição honrosa na sociedade; e mal começava a fruir os gozos della, veio a inexoravel morte e roubou-lhe a vida!

Bem resignado foi! . . .

Os sacrificios da sua curta existencia, transformaram-se em martyrios no leito da dôr!

O saber de Hipocrates só serviu para amargurar-lhe os dias; por isso que, conhecendo o seu estado, procurava desconhecel-o, tal era o supplicio da realidade!

Filho de paes pobres só herdou a affecção pulmonar que o consummiu!

Tendo vindo para aqui em procura de saúde, aqui mesmo encontrou o repouzo eterno que o aguardava!

Sem parentes aqui encontrou comtudo amigos dedicados que não pouparam esforços para servil-o.

Acolhido como amigo, os cearenses lastimam a sua morte.

As pessoas gradas desta Capital acompanharam pesarosas os seus restos mortaes, ao seu ultimo jazigo.

O digno commandante do 15 Batalhão de infantaria com sua digna officialidade honraram o funeral.

Uma guarda do mesmo Batalhão deu as descargas do estylo.

A corporação dos medicos militares e civis, officiaes do 15 e alguns amigos conduziram o corpo a Cathedral, e d'ali ao cemiterio, onde foi respeitosamente depositado o Dr. Carvalhal.

Deus do alto da sua gloria, recompensará uma alma grande que não podendo se harmonisar com tão debil physico, procurou a sua santa mansão.

Uma lagrima saudosa sobre a campa de Carvalhal.

Sinceros pezames a sua inconsolavel familia.—Fortaleza 11 de Novembro de 1873.

* *
*

Emprego da fava de Calabar—A fava de Calabar foi conhecida na Europa em 1846, mas só depois de 1860 é que este novo producto botanico chamou a attenção dos homens da sciencia. Um escocez, Fraser, foi quem primeiro reconheceu a propriedade que tem a fava de Calabar de contrahir a pupilla. Antes da descoberta do seu principio activo, a eserina, já se empregava a fava em decocto, infusão, em pó, contra diversas doenças, e para provocar varios estados physiologicos.

Foi empregada no tratamento das doenças nervosas, tetano, certos tics nevralgicos, chorea, etc. A eserina produz diarrhéa, effeito este que tem sido explicado de diversos modos; a maior parte dos auctores a têem attribuido a uma especie de tetanisação das fibras intestinaes.

As experiencias de Rabuteau provam que a fava de Calabar não actua sobre as fibras musculares, seja de que natureza forem, e que sua influencia não se faz sentir sobre essas fibras senão em virtude da paralysia produzida pelo vegetal nos nervos que animam os orgãos de movimento.

A eserina produz a paralysia nas extremidades dos nervos motores; é a mesma acção que a do curara, com a differença que a eserina ataca conjunctamente o systema do grande sympathico e o systema motor.

Como diz Rabuteau a paralysia do sympathico explica-nos a contracção da pupilla em virtude do relaxamento do musculo ciliar; explica-nos a diarrhéa em consequencia da dilatação dos vasos e da hypersecreção intestinal consecutiva á dilatação.

Actualmente a fava de Calabar é empregada para combater a mydriase provocada pela belladona ou consecutiva a um estado pathologico de olhos. A fava de Calabar paralysa o musculo ciliar e produz uma diminuição no diametro da pupilla; produz tambem um augmento na distancia da visão distincta. O antagonismo da belladona e da eserina foi estabelecido por Kleinwachtes. Os trabalhos d'este auctor foram confirmados pelas experiencias de Burneville.

Kleinwachter tratou uns individuos envenados pela atropina e que foram curados pela fava de Calabar; Bourneville em porcos da India. Ainda que o antagonismo seja tão perfeito quanto possivel entre os effeitos da atropina e da eserina, é tambem certo que a intensidade dos effeitos produzidos pela belladona é maior e mais persistente que os da fava de Calabar.

Quando, por exemplo, se quer produzir no olho alternativas da dilatação ou contracção, o que póde ser necessario para impedir a formação das synechias, ou operar modificações na dioptrica accommodativa, ou na circulação deste orgão é necessario ter cuidado de dar dóses relativamente fracas de atropina por dóses relativamente elevadas de eserina. Ainda que a dóse da eserina seja mais consideravel, é necessario ainda repetir as installações do collyrio preparado com este alcaloide maior numero de vezes, se se quer que os effeitos da contracção ou da dilatação do musculo ciliar sejam iguaes.

As instillações dos collyrios preparados com a eserina são algumas vezes mal supportadas; este alcaloide emprega-se sob a forma de sulphato de eserina na dóse de 1 a 2 milligrammas por 10 grammas de agua distillada. Os collyrios assim preparados são de uma conservação difficil; tomam uma colorisação vermelha pela acção do tempo, e não produzem effeito quando chegam a este estado. Para substituir os collyrios e dar aos medicos a facilidade de trazer comsigo tão util remedio, como o sulphato neutro de atropina, imaginou-se molhar-se folhas de papel nas soluções graduadas deste sal, cortando-o em pequenos bocados, representando cada um dóse fixa do medicamento; estes bocados collocados no fundo da prega da palpebra inferior, produzirão effeitos mydriaticos rapidos.

Substituiu-se a gelatina ao papel; a gelatina sendo soluvel no olho, tem a vantagem de não actuar senão momentaneamente como corpo estranho. O que se tem feito para a atropina, faz-se tambem para a eserina e gelatina eserinada, que tem a vantagem de serem transportaveis, conservando melhor as propriedades therapeuticas do alcaloide.

*
* *

Sabão neutro sem indicios de alcali caustico por Mialhe.—No commercio de perfumaria existem duas especies de sabões de toucador, completamente differentes em consequencia do methodo seguido em sua preparação. Um fabrica-se a quente, por meio das lexivias causticas diluidas, e é assim despojado quasi totalmente do excesso d'alcali. Os sabões de toucador, que resultam da fabricação a quente sam menos alcalinos, menos causticos do que os preparados a frio, porém são menos unctuosos, porque, durante a *liquidação*, se despojam de toda a glycerina combinada com os corpos gordos empregados, ao passo que os sabões obtidos a frio são sempre, por maior cuidado que se observe em sua preparação, muito mais alcalinos, porém muito mais unctuosos, tambem em consequencia da glycerina que conservam intacta: esta occulta, sem destruir, a causticidade da soda, que fica livre no acto da saponificação.

Se, porém, estes sabões podessem obter-se completamente neutros ou tornarem-se taes, isto é, isentos de sua causticidade, reuniriam todas as condições desejadas. O Sr. Mialhe obteve este resultado fazendo reaccionar sobre ellas o gaz acido carbonico: este satura a soda caustica, que tem escapado á saponificação, destruindo assim toda a sua causticidade.

Para este effeito, se toma o sabão de toucador, fabricado e frio pelos processos ordinarios do commercio, corta-se em bocados, que, collocados sobre rêdes, se expõem em uma camara, convenientemente fechada, á acção do gaz acido carbonico. O sabão absorve um volume do acido proporcional á quantidade de soda caustica, que não entrou na saponificação, e em consequencia da

transformação deste alcali livre em bicarbonato, perde toda a sua causticidade. Então resulta um sabão completamente neutro, que tem toda a glycerina dos corpos gordos empregados na sua preparação, e uma certa quantidade de bicarbonato de soda.

* * *

Um caso de endocardite ulcerosa puerperal com desenvolvimento de vegetação no coração (mycosis endocardiaca)—O caso que passamos a referir é da observação do Dr. Hejalmar Heiberg, de Christiania. Uma senhora de vinte e dous annos, dez dias depois de um parto facil, foi acommettida de frios e vomitos. Os frios repetem-se nos dous dias seguintes, depois sobrevem abatimento geral, inchação dolorosa nas articulações cubitaes, humeraes, mais tarde no joelho direito com vermelhidão erysipelatosa na parte externa do membro correspondente; febre.

No fim de quatro dias apparecem, nas extremidades inferiores, numerosas vesiculas, pequenas, circumscriptas por um circulo vermelho e cheias de um liquido seropurulento. Bem depressa, na região segrada se desenvolve gangrena, e a doente succumbiu aos quarentas e seis dias de doença.

Na autopse encontram-se as alterações seguintes: endocardite ulcerosa com thrombose da valvula mitral, contendo vegetações: infartus do baço e dos rins com abcessos metastaticos n'estes ultimos; duas grandes ulceras gangrenosas e cavidade suppurante nas proximidades do sacro; thrombose lymphatica do utero; hypostase e edema dos pulmões, retracção cicatricial no figado.

Do exame microscopico dos thrombus existentes ao nivel da valvula mitral ulcerada e no ventriculo, resulta que são constituidos por um detrito abundante, bem como por numerosas granulações com a forma de bastonetes, similhantes a bacterias, e por uma quantidade consideravel de outras granulações dispostas em corôas e representando os filamentos do leptothrix. Admittindo com o auctor que estes filamentos sejam verdadeiramente filamentos de leptothrix, e que se não tinham desenvolvido depois da morte; deixando de parte a questão da relação do desenvolvimento parasitario com a apparição contemporanea da infecção septica, é necessario ainda indagar qual é a procedencia destas vegetações, e porque modo chegaram ao coração.

É plausivel pensar que tinham penetrado no organismo pela mucosa uterina, e o que tende a fazel-o acreditar é a existencia da thrombose lymphatica uterina, encontrada na autopse.

Virchow, a quem o auctor enviou a peça pathologica, confirma em uma nota a natureza parasitaria da substancia granulosa que soffre uma alteração da acção do acido acetico e da potassa. Somente não dá opinião formal sobre o leptothrix.

* * *

Cegueira temporaria com albuminuria nas pyrexias.—Uma creança de dois annos e seis semanas, que ao trigesimo segundo dia de uma escarlatina parecia curada, foi novamente acommettida de febre com albuminuria abundante, e oito dias depois de uma cegueira, que durou dezeseis dias e desappareceu em seguida completamente. Não houve convulsões nem edema.

* * *

Tratamento da prisão de ventre habitual pela podophillina.—A podophillina é uma resina extrahida do *podophillum peltatum*, planta que cresce com muita abundancia nas margens dos rios e prados da America do Norte. Ha dez annos que a podophillina foi introduzida em França por Trousseau, a pedido do dr. King, de Cincinnati e do dr. Wood. O professor Trousseau empregava como purgante, associando-a aos calomelanos, na dóse de 25 a 60 centigrammas a raiz da podophillina, purgante na dóse de 10 a 15 centigrammas. Apesar da grande auctoridade de Trousseau, a podophillina desappareceu da lista das prescripções francezas, e póde-se dizer que tinha completamente caido no esquecimento, quando o Dr. Constantino Paul, forcejando por encontrar um agente capaz de combater a prisão de ventre, se poz novamente a estudar a acção physiologica da podophillina.

Segundo as communicações feitas, n'este sentido, á sociedade de therapêutica pelo Dr. Paul, póde a acção do medicamento considerar-se do seguinte modo:

Na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma,

tem acção purgante muito segura; dá dejecções abundantes, biliosas, e não actua, senão muito moderadamente sobre o elemento muscular do intestino. Administrando-o na dóse de 1 gramma e 50 centigrammas, actua como os drasticos, promovendo contracções e vomitos:

Ha mais de seis mezes, diz o Dr. Paul, que prescreve a podophillina a 16 doentes, atacados de prisão de ventre habitual, vigiando de dia a dia os seus effeitos. Muitos d'elles têem tomado mais de cem pilulas cada um, não se desmentindo a acção do medicamento:

Dos 16 doentes, 15 eram mulheres, soffrendo de prisão de ventre habitual; e na idade de vinte a cincoenta annos. A formula empregada foi a de Trousseau e Blondeau, que é a seguinte.

Podophillina	0,02
Extracto de belladona....	0,01
Pó de raiz de belladona..	0,01

Duas d'estas pilulas bastavam ordinariamente, mas muitas vezes os effeitos da belladona se faziam sentir; e como alguns dos doentes soffrendo de nervosismo e hysteria symptomatica, supportavam mal a belladona, o Dr. Paul fez uma substituição á formula:

Podophillina	0,01
Extracto de herva moura.	0,01

Esta ultima substancia produzia nauseas. O Sr. Delpeche prescrevia a podophillina *em pilulas na dóse de 3 centigrammas:*

Podophillina.....	0,03
Mel.....	q. s.

Para uma pilula prateada.

Atropina na belladona.—O Sr. Lefort leu, á academia de medicina de Paris, uma importante memoria sobre a riqueza da atropina na belladona, e sobre a distribuição deste alcaloide nas folhas, e raizes d'esta planta. Eis aqui as principaes conclusões d'este trabalho:

1.º A folha de belladona é menos rica em atropina antes do que depois da florescencia da planta. A colheita deve pois fazer-se sempre entre a florescencia e a frutificação.

2.º A belladona cultivada, e a belladona dos campos, colhidas no mesmo momento, e de plantas da mesma edade, contém quantidades identicas de atropina.

3.º Não se póde estabelecer comparação entre a folha e a raiz, debaixo do ponto de vista da sua riqueza, porque, na raiz ha grandes variações segundo a edade da planta.

4.º As raizes novas são mais ricas em atropina do que ás antigas, de mais de dois annos por que nas primeiras edades ellas conteem, no mesmo pezo, mais casca do que ás antigas.

O exame deste trabalho foi enviado á secção de pharmacia para dar sobre elle o seu parecer.

* *

Da expectoração sero-albuminosa consecutiva á thoracentese—A thoracenthese é muitas vezes seguida de uma expectoração de natureza sero-albuminosa, cuja quantidade oscilla entre 200 grammas e 2 litros em algumas horas. Esta expectoração coincide especialmente com as pleuresias agudas è manifesta se de preferencia quando a puntura dá logar á evacuação de grandes quantidades de liquido. Esta complicação, alem de incommoda, póde dar a morte. Qual seu modo de producção, a sua natureza, e os meios de a remediar, eis as questões que se discutem.

O Dr. Terrillon, que levantou a discussão, examinou successivamente as quatro causas; ás quaes pode ser devida esta espectoração: 1.º, perforação pelo trocarte; 2.º, perforação espontanea por exforços de tosse que acompanham e seguem a operação e determinam a ruptura da pleura, já alterada por um trabalho ulcerativo; 3.º reabsorpção de liquido, que ficou na pleura, depois da thoracentese, e exahalação d'este liquido nos alveolos; 4.º, congestão pulmonar e transsudação consecutiva de soro do sangue.

O Dr. Terrillon rejeita as duas primeiras causas. Marrotte e Woillez opinam pela punctura do trocarte; Fereol pela perforação espontanea; Pinaud, Herard, Montard-Martin, Behier Dujardin, Beaumetz e Lande de Bordeaux votam unanimemente pela congestão pulmonar. Não faltam argumentos em favor de cada uma das opiões; todavia parece que a congestão pulmonar seja a causa mais frequente das expectorações sero-albuminosas. Para obstar a estas expectorações, a indicação será, admittindo como causa principal a congestão, proceder á evacuação do liquido da pleura, operando muitas vezes e

fazendo pequenas subtracções de liquido; por meio de um trocarte fino.

***

Diagnostico e tratamento dos lipomas.— Um caracter particular dos lipomas reside na propriedade que têem os tumores gordurosos de tomar uma grande consistencia pela acção do frio. Se depois de ter resfriado pelo gélo ou ether um tumor duvidoso, o tacto denuncia induração manifesta, ha todas as probabilidades de ser um lipoma. Lipomas de pequena grandeza têem desapparecido pela acção das correntes electricas continuas.

***

Emprego do phenol como tratamento preventivo da raiva.—O uso interno do phenol é aconselhado pelo Dr. Laillier, como medicação especifica em todas as affecções virulentas. O auctor pretende que, administrado na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma, destroe e principio virulento. Algumas experiencias parecem favoraveis ás suas asserções.

***

Da medicação antiphologistica e antipyretica.—Diz o Dr. Bouchut que, em occasião opportuna, o emetico e as emissões sanguineas são maravilhoso recurso no começo das phlegmasias. A promptidão da sua acção dá direito a que sejam considerados os primeiros agentes na ordem dos antipyreticos.

***

Paralysia espinal aguda.—O Dr. Lepine observou no hospital da caridade, no serviço do professor Sée; um caso de paralysia, de que foi atacado progressivamente um individuo de vinte annos. Começou pelo membro superior esquerdo, estendeu-se ao inferior do mesmo lado, depois passou á perna direita e ao braço direito; havia aphonia e paralysia dos musculos inspiradores do lado esquerdo. A intelligencia conservou-se intacta até á morte, que sobreveiu no duodecimo dia da invasão. A urina apresentava augmento notavel de phosphoro. O exame microscopico da medulla, no fresco e sobre camadas indurecidas, mostrou em toda a sua espessura grande numero de corpos granulosos, parecendo vir, na maior parte das cellulas do nevroglio e dos globulos lymphaticos; havia degeneração gordurosa de certo numero de elementos medullares. O Dr. Cornil, depois de haver dado conta do estudo histologico que havia feito, acrescenta que esta observação é importante, porque na paralysia ascendente não se encontra geralmente lesão apreciavel, depois da morte.

***

Signaes para o diagnostico do delirio alcoolico febril—O Dr. Magnan propoz-se estudar o diagnostico entre a fórma benigna do *delirium tremens* febril, isto é entre os accidentes mortaes e os accidentes passageiros do alcoolismo agudo. Insiste sobre tres signaes que lhe parecem de valor:

1.º *Elevação progressiva de temperatura* nos casos graves, que no momento da agonia, póde attingir 43.º centigrados. Nos casos ligeiros a temperatura apresenta oscillações.

2.º Movimentos musculares *ondulatorios, fibrillares*, que se percebem mesmo durante o somno.

3.º Fraqueza extrema dos membros inferiores, que parecem affectados de paraplegia. O Dr. Magnan insiste na necessidade de não confundir o alcoolismo febril e a febre que póde sobrevir n'um alcoolico e por occasião de um traumatismo ou de uma phlegmasia. O delirio febril começa sempre depois de novo excesso de bebidas, emquanto que os accidentes especiaes aos bebedores se observam em consequencia da privaçao absoluta do alcool.

Indicações sobre o modo de acção dos alcalis nas queimaduras.—O Dr. Dalzeil examinando os apontamentos de um confrade já fallecido, encontrou algumas indicações sobre o modo de acção dos alcalis nas queimaduras, que levam a explicar chimicamente como a dor abranda.

Para elle as queimaduras e contusões produzem a decomposição do sangue na parte lesada. Em todas as decomposições, e especialmente nas do sangue e não da lympha coagulavel, o azote liberta-se e

e combina-se com o oxygenio formando talvez acido hypo-azotico que occasiona uma grande parte da dor sentida. Se se applica um alcali como a potassa liquida, forma-se ainda azotico que produz em segundo logar azotato de potassa, o qual, abaixando a temperatura, faz parar os progressos da decomposição e deixa a natureza entregue a si na reparação da lesão. É d'este modo que o Dr. Dalzell explica os resultados obtidos tambem pela applicação do alcool, terebentina, etc., em casos analogos.

* * *

Folhas de tomates e o seu emprego.—O Sr. M. S. Martin reconheceu na agua que serviu para cozer tomates propriedades diureticas, e que o effeito era ainda muito mais pronunciado se se intundem em cada kilogramma d'aquelle liquido 15 grammas de folhas de tomates. A diurese obtida d'este modo é mais abundante do que a produzida pela gramma e parietaria, não obstante aquella planta não conter vestigios de nitrato de potassa.

FORMULARIO

Glycerolado de iodeto de chumbo. Tomasi—

Iodeto plumbico	4	gram.
Soluto de soda	15	cent. cub.
Glycerina	25	» »
Hydrolato de rosas	10	gottas

Triture-se tudo em um gral de procelana até que o iodeto tenha desapparecido completamente. O auctor recommenda este preparado, como mais efficaz que outros para ter dissolvido o iodeto plumbico.

* * *

Novo collodio, Sallefrangie—

Piroxilina	14	gram.
Ether de 66º	192	»
Alcool de 90º	63	»
Oleo de ricinos	21	»

Dissolva-se o algodão na mixtura de alcool e ether. Quando o soluto esteja completo, o que se consegue em 48 horas, ajunta-se o oleo de ricinos.

Segundo o auctor esta formula dá um collodio perfeitamente limpido sem residuo.

Linimento calmante—

Balsamo Fioravanti	80	gram.
Chloroformio	10	»
Laudano de Rousseau	10	»

Para fricções no epigastrio nos casos de gastralgia aguda. Se este meio não basta, applicar-se-ha na mesma região um ou muitos vesicatorios volantes, que se curarão com um sal de morphina.

* * *

Poção de iodo iodurada, Dr. Liegard—

Tinctura alcoolica de iodo	4	gram.
Iodeto potassico	6	»
Agua distillada	120	»

Dissolve-se o iodo na agua, e se lhe ajunta a tinctura. Tomam-se tres colheres, das de café, ao dia, uma de manhã, outra ao meio dia, outra á noite, diluidas em 120 grammas de agua assucarada. É mui recommendado contra os vomitos.

* * *

Glycerolado de hydrato de cal, e Chloreto (bi) de etylo, Bruyne—

Hydrato de cal recente	3	gram.
Chloreto de etylo (bi)	3	»
Glycerina	50	»

Dissolve-se o hydrato de cal na glycerina. e se lhe junta logo o bichloreto de etylo. Este preparado, além de não sujar a roupa, como o linimento calcareo, é de dar bom resultado no tratamento das queimaduras, tem a vantagem de diminuir ou impedir a sensação da dôr, devida á presença do bi-chloreto de etylo, que, sendo um corpo um pouco volatil, gosa de propriedades anesthesicas similhantes ás do chloroformio. Assim obtido é liquido, transparente, uniforme e claro. Para o applicar, se emprega n'elle uma compressa, que se colloca sobre a queimadura, e se cobre com oleo. ou tafetá impermeavel.

* * *

Poção de acido nitrico, Wade.—

Acido nitrico	10	gottas
Xarope simples	10	gram.
Agua	100	»

Toma-se esta poção de uma vez, depois da comida, para combater a tysica, repetindo-se a dose em cada uma das comidas seguintes.

Typographia, de J. G. Tourinho.

GAZETA MEDICA DA BAHIA.

ANNO VII. BAHIA 31 DE DEZEMBRO DE 1873. N.º 154.

SUMMARIO

CIRURGIA—Tratamento de um aneurisma poplíteu pelo gêlo MEDICINA—Materia medica e therapeutica: medicamentos novos e medicações novas pelo Dr Chernoviz. A febre REVISTA SCIENTIFICA—O coração e o cerebro: physiologia e psychologia: trabalho mecanico do coração no decurso da vida: a força motriz da circulação sanguinea: ganglios motores e reguladores NOTICIARIO —Presente de S M o Imperador ao Museu de historia natural de Paris Tratamento da psoriasis pelo acido acetico. Melhoramento da ligadura elastica de Esmarch. Injecção hypodermica de sulfato de quinina. Um novo febrifugo. Protoxalato de ferro de Girard. Meio de diminuir o sabor amargo dos medicamentos Citrato de bismutho ammoniacal. Cultura da quina FORMULARIO—Linimento contra as gretas da pelle. Poção expectorante Topico contra as fleiras Papel azotoso do Dr. L. Gu[illegible]. Desinfectante e phenico zincado. Elcolado-phenico Ether phenico. Vinho phenico Pilulas de acido phenico. Linimento oleo-calcareo phenico. Soluto aquoso fraco.

CIRURGIA

—

TRATAMENTO DE UM ANEURISMA POPLITEU PELO GELO

Serviço do Dr. Constantino Machado

Entrou para o hospital militar da guarnição desta cidade, no dia 1.º de Outubro do corrente anno, Manoel Francisco dos Santos, natural de Pernambuco, com 39 annos de idade, soldado da 3.ª companhia do 16 batalhão de infantaria.

É de temperamento bilioso e de constituição bôa.

Antes do referido doente assentar praça fôra oleiro; estivera depois por espaço de cinco longos annos nos labores da guerra, empenhada entre o Brazil e o Paraguay. Não se lembra de ter tido na sua infancia senão sarampo; depois de haver attingído a puberdade, teve por duas vezes cancros molles, que, de passagem digo, não serem syphiliticos, segundo as notaveis experiencias do celebre syphilographo francez—Ricord. Em razão de ser pobre a anamnese do doente em questão, passo a referir os symptomas por elle apresentados.

Estado geral—O estado geral apresenta-se um pouco excitado; a physionomia, espelho mais ou menos fiel das angustias da organisação, é por vezes contrahida em razão da dôr.

O apparelho respiratorio funcciona regularmente; o systema circulatorio fal-o tambem com pequena exageração, o coração bate com mais violencia; o pulso é duro, cheio e frequente. As digestões effectuam-se sem demora, apezar da ligeira anorexia de que elle soffre. Eis aqui pois em resumo, o que de importante se encontra, em seu estado geral.

Exame local ou da parte—Na região poplitéa esquerda, existe um tumor da grandeza de um ôvo de gallinha mais ou menos, dilatavel durante a diastole arterial e mui doloroso. As partes subjacentes são tumefeitas e doridas. A barriga da perna correspondente é inchada e nella desenhão-se os vasos superficiaes da região. Applicando-se o dedo na femoral ao nivel do triangulo de Scarpa, sente-se uma pulsação muito forte.

O sthetoscopio applicado sobre o tumor nos revelou um ruido de sopro duro e aspero, bem manifesto, e como que a diastole arterial empurrava o ouvido do observador; tal era a força da ampliação arterial.

A dor que o doente accusa, explica-se pela pressão exercida pelo tumor sobre os nervos popliteos que d'ahi emergem para a perna. A extensão da perna é impossivel; ella está em meia flexão.

A marcha não pode ser feita, visto como os movimentos se não são impossiveis, são pelo menos excessivamente difficeis.

O engurgitamento da perna é o resultado da compressão que exerce o tumor sobre as partes subjacentes e ainda pela difficuldade que experimenta o sangue das veias poplitea e saphena interna, na sua marcha para o coração direito ou venoso.

O sangue venoso da saphena externa desembaraça-se mais facilmente no caso vertente, porquanto é o vaso que menos soffre.

Quando se comprime a arteria femoral, o sôpro immediatamente desapparece. suspendendo-se porem a compressão, o sôpro reapparece, a ponto de não deixar o menor vislumbre de incerteza no espirito de quem quer que seja.

A temperatura do tumor é excessiva. A pelle reluzente e lisa. O doente diz experimentar uma sensação de calor e de tensão, o que é muito natural.

Pela enumeração dos symptomas, faz-se o diagnostico com a maior facilidade, assim pois trata-se de um aneurisma popliteu traumatico consecutivo.

Como desenvolveu-se o tumor? a profissão o teria predisposto a esta enfermidade?

A antiga profissão d'este homem exigindo a estação vertical, e ainda movimentos reiterados dos membros pelvianos, é de crer que houvesse grandemente influenciado na apparição de tão incommoda molestia.

Os aneurismas da poplitéa são mui frequentes, como provam exuberantemente as estatisticas de Crisp e Lisfranc, já porque a arteria se acha na vizinhança de uma articulação, cujos movimentos são tão promptos e completos, já porque esta região é mui susceptivel de tomar movimentos bruscos e violentos capazes de determinarem a ruptura de uma, ou mais tunicas da arteria.

Este individuo, alem de ter tido uma profissão que provavelmente muito o predispoz, na campanha do Paraguay, se vio na dura necessidade de fazer marchas forçadas e dar muitos saltos, como elle mesmo o confessou.

De maneira que, aquelles movimentos precipitados e repetidos, foram preparando terreno fertilissimo para a affecção de que me occupo.

A seis mezes appareceu-lhe este tumor, que foi crescendo lenta e gradualmente, até que tomando as proporções assignaladas acima, e o impossibilitando de caminhar, recorreo aos soccorros do Hospital.

Ia-se empregar a compressão digital tão recommendada por Vanzeti de-Padua, como meio curativo do aneurisma; e se por ventura ella não produzisse effeito, se recorreria então a ligadura pelo methodo de Anel.

No anno de 1872 no Hospital da Caridade, praticou-se n'um caso de aneurisma da poplitea a compressa digital, a qual sortiu maravilhosamente.

Antes porem, de empregar-se a compressão digital, empregou-se como meio palliativo o gelo sobre o tumor.

Applicou-se sobre o tumor uma bexiga renovada todas as vezes que aquecia-se com o calor do corpo.

Por espaço de tres dias consecutivos foi applicada a bexiga de gelo, no fim dos quaes, com surpreza nossa, o tumor se achava solidificado; já havia desapparecido o sôpro e o que mais é, a propria tumefacção cedeu sensivelmente e a passos largos.

Somente a dôr ainda persistia e deveria persistir emquanto o coalho não fosse reabsorvido.

Como operou-se a solidificação do saco aneurismal?

O frio como todo o mundo sabe, tem a propriedade de constringir os tecidos sobre modo; constringindo assim, acontece que as paredes do saco vão por sua vez se adstringindo de maneira a diminuir a capacidade do saco. O sangue que adhere a peripheria do tumor vai se coagulando pouco a pouco até que todo o conteúdo do saco aneurismal se solidifique de todo.

O doente em questão foi sem duvida alguma muito feliz.

Todos os cirurgiões recomendam o gelo, mas elles são os primeiros a reconhecerem a sua improficuidade como meio curativo e efficacia como palliativo.

Entretanto o gelo cantou victoria desta vez, no tratamento do aneurisma.

Desta sorte o doente ficou livre, quem sabe, de ficar sem a perna?

Porque acontece que muita vez, depois da ligadura, desenvolve-se a gangrena, impondo ao cirurgião a amputação.

Se factos desta ordem se reproduzissem, o gelo bem poderia substituir nos annaes da cirurgia a ligadura, meio até hoje mais acreditado na cura dos aneurismas.

O doente retirou-se do hospital radicalmente curado.

Bahia 28 de Novembro de 1873—*Amancio Joaquim Pereira Caldas.*

MEDICINA

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA

MEDICAMENTOS NOVOS E MEDICAÇÕES NOVAS

Pelo Dr. Pedro Luiz Napoleão Chermoviz

Chloralum—Os inglezes vendem e exploram de diversas maneiras, sobretudo desde a apparição da cholera na Allemanha, um novo desinfectante, sob o nome de *chloralum*, que não se deve confundir com o o chlorureto de aluminio ou hypochlorito de aluminio, substancia analoga ao chlorureto de cal, desinfectante como elle pelo chloro que produz.

O chloralum dos inglezes vende-se debaixo de duas formas liquida ou em pó. É uma pe-

paração *secreta*, mas a analyse feita por um chimico de Dresda, o Sr. Fleck, deu os resultados seguintes:

Chloralum liquido—

Agua	82.32	Chlor. de ferro	0,42
Chlorureto de chumbo	0,15	» de aluminio	13,90
de cobre	0,10	» de calcio e gesso	3,11

Chlorureto em pó—

Chlorureto de arsenico	0.72	Chlor. de ferro	1,55
» de chumbo	0,55	» de calcio	11,51
» de cobre	0,87	Gesso	8,72
» de Alum.	52,43	Alumina silica	32,15

O chloralum liquido emprega-se puro ou deluido em agua Puro serve para embeber pannos que se estendem no quarto que se deseja purificar. Diluido em 40 vezes o seu volume d'agua, usa se em lavatorios Este liquido, de densidade de 1,153, é fortemente acido; parece obrar pelo excesso de acido, absorvendo as combinaçoes ammoniacaes, e pela sua alumina, que tem a propriedade de formar, com muitas substancias organicas, combinaçoes insoluveis designadas debaixo do nome de *lucas*. Este producto vale menos do que o chlorureto de aluminio, que reune á propriedade desinfectante mais energica uma composição bem definida.

Chlorureto de aluminio—Novo desinfectante. A solução de hydrato de chlorureto de aluminio em agua, de densidade, de 1,020, foi empregada na Europa em 1873, para destruir os miasmas da cholera.

O hydrato de chlorureto de aluminio obtem-se misturando o sulfato de alumina com o chlorureto de calcio. Faz-se um deposito de sulfato de cal que se separa pela filtração.

A solução de chlorureto de aluminio, não póde ser evaporada, sem desenvolver acido chlorhydrico. Emprega-se como desinfectante do mesmo modo que a agua de Labarraque; espalhando-a pelo quarto. Este sal, obtido pela mistura de sulfato de alumina e de chlorureto de sodio, serve desde muito tempo para a preparação das pelles de animaes (coelhos, cães, etc.), que torna imputresciveis.

Cataplasma Le Marchand.—Um pharmaceutico de Pariz, Le Marchand, assegura que a farinha de linhaça póde conservar-se por muito tempo, depois de ter sido exposta á temperatura de certa elevação Teve pois, a idéa, em 1870, de conservar a farinha de linhaça, assim preparada, em saccos quadrados de cassa, cujos poros estão tapados com uma mucilagem, afim de impedir o contacto de ar, que poderia contribuir para a deterioração da farinha. São estes saccos ou estas chapas, que constituem a *cataplasma Le Marchand*. Para emprega-la, deixa-se de molho esta *cataplasma* em agua a ferver por tres minutos, tira se depois puxando pelo cordão pregado para este fim, poe-se sobre a toalha ou lenço que deve segural-a, e applica-se sobre o corpo. Esta nova preparação pharmaceutica é mui propria para as viagens maritimas, e para familias afastadas das boticas. Possuo no meu gabinete uma d'estas *cataplasma* desde 20 de Janeiro de 1860. Em 4 de Dezembro de 1873, dia em que escrevo o presente artigo, isto é quasi quatro annos depois de feita, conserva-se ainda esta cataplasma sem alteração. A sua applicação é tão commoda como a do papel sinapisado de Rigollot.—O deposito existe em casa do inventor em Pariz, *avenue de Joséphine*, 55. Ha de differentes tamanhos As mais usadas tem 15 centimetros de comprimento, sobre 12 de largura.

Acido phenico—phenol ou *Acido carbolico.* O acido phenico recentemente preparado é solido, em crystaes brancos; derrete-se ao 35 centigrado, e apresenta-se então sob a forma de liquido incolor, quasi oleaginoso, que pela influencia da luz adquire côr arroxeada. É pouco soluvel em agua; mas dissolve-se em toda a proporção do alcool e no ether; é inflammavel; coagula a albumina, destróe as membranas mucosas, tira o cheiro fetido ás carnes corruptas, impede a putrefacção; tem o cheiro repugnante da creosota. Apezar da sua pouca solubilidade na agua, o acido phenico crystalisado torna-se liquido ao contacto da humidade atmospherica. É um dos desinfectantes hoje muito empregados.

Sua solução em glycerina, em differentes gráus de concentração, tem sido empregada com bom exito, no tratamento externo de varias molestias de pelle, como o lupo, eczema, lepra, tinha, etc. A proporção ordinaria é de 1 parte de acido para 100 partes de glycerina.

Acido phenico liquido das pharmacias —, (acido phenico crystalisado 9, alcool 1) emprega-se internamente: é aconselhado sobretudo na raiva, nas mordeduras por cobras venenosas e nas bexigas confluentes, na dóse de 1 a 10 gottas em poção; até 1 gramma (20 gãos). Em forte dóse é veneno. 50 centigrammas (10 grãos) matão um coelho.

Envenenamento pelo acido phenico—Estes envenenamentos podem ter lugar ora por ingestão no canal digestivo, ora por absorpção

cumstancia. Ordinariamente são o resultado de um erro, nunca de um crime, por causa do gosto e cheiro desagradavel do acido phenico. Tornão-se de mais em mais frequentes desde que o acido é empregado como desinfectante.

1.ª *Observação*—Um homem de 32 annos, empregado em Pariz na limpeza das ruas, bebeo uma solução de acido phenico que julgou ser vinho: immediatamente experimentou nauseas, suores frios, estupor e perdeu conhecimento. Um pharmaceutico vizinho administra-lhe magnesia calcinada. Transportado ao hospital, morre nove horas depois da ingestão de acido phenico.

2.ª *Observação*—Um homem de 65 annos tomou para suicidar-se 15 a 30 grammas (meia a 1 onça) de acido phenico liquido do commercio: a morte sobreveio em 50 minutos. Notaram-se os symptomas seguintes: respiração estertorosa, perda de conhecimento, pupillas contrahidas, pulso lento (40 a 50 pulsações por minuto), bocca cheia de saliva grossa, e na barba, estrias devidas á acção corrosiva do veneno.

3.ª *Observação*. Um soldado inglez engulio 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) de acido phenico, de côr roxa que julgou ser bitter: logo sobreveio perda de conhecimento e de locomoção; depois um estado apoplectico, respiração estertorosa, forte contracção da pupilla. Administraram-lhe um vomitorio e azeite doce; ficou sem movimento. Ao cabo de tres horas principiou a mexer se; as pupillas dilatarão-se; no fim de cinco horas e meia o paciente recobrou o conhecimento e pedio agua; sobreveio então dyspnea e expectoração difficil e purulenta, o pulso tornou-se frequente, a pelle fria e humida; ao cabo de dez horas, o doente soltou urinas de côr carregada de cheiro de acido phenico; morreo treze horas depois da ingestão do veneno.

4.ª *Observação*—Para se curarem da sarna tres Inglezas friccionáram toda a superficie do corpo com cerca de 60 grammas (2 onças) de acido phenico quente. Duas morreram, a terceira escapou á morte.

Estas tres mulheres perderam conhecimento; nenhuma d'ellas teve vomitos. A superficie da pelle era aspera, secca, enrugada, mas sem vesicação. Lavatorios com agua e sabão, a administração no interior de aguardente, ammoniaco e de ether sulfurico, bem que feita vinte e cinco minutos depois das fricções, não teve outro resultado do que salvar uma das pacientes.

Alguns envenenamentos foram tambem produzidos pelo emprego das soluções de acido phenico como antiputrido na cirurgia. Estes casos dêram-se sobretudo na Inglaterra onde este acido é usado em dózes mui concentradas. Para o curativo das feridas não se deve empregar soluções aquosas ou alcoolicas que contenham mais de 1 por 100 de acido. Ora, os Inglezes fazem habitualmente uso de soluções muito mais concentradas: a solução de 2 partes de acido para 100 partes d'agua é empregada em lavatorios e injecções. Fazem tambem uso frequente de solução de acido phenico em dez e mesmo em oito vezes o seu peso de azeite doce; esta solução mui caustica presta se facilmente á absorpção rapida, e póde occasionar accidentes graves, quando applicada sobre largas superficies.

Os *symptomas* de envenenamento produzido pelas fricções, injecções ou curativos feitos com soluções demasiadamente concentradas de acido phenico no alcool, azeite ou glycerina, são: calefrios, vomitos, prostração geral, pulso fraco, abaixamento da temperatura; as urinas exhalam um cheiro de acido phenico. De ordinario os doentes sáram pelo emprego das bebidas estimulantes, taes como chá da India com rhum, ou poção com ether.

Contra-veneno do acido phenico—Foram propostos como contra-venenos o oleo de ricino, o azeite doce e a glycerina. É preciso engulir grandes quantidades d'estas substancias. Remedios duvidosos.

Depois de diversos ensaios, o *saccharato de cal* parece prestar serviços no envenenamento pelo acido phenico. Prepara-se dissolvendo 16 partes de assucar em 10 partes d'agua; ajuntão-se 5 partes de cal caustica separadamente, deixa-se tudo em repouso durante tres dias, filtra-se e deixa-se seccar. Esta preparação dissolve se em agua; num caso de envenenamento salvou-se o paciente.

O saccharato de cal acha-se em algumas boticas; se não se achar, póde ser substituido pela agua de cal misturada com assucar.

No caso em que o envenenamento tivesse lugar pela pelle, seria preciso fazer lavatorios com agua morna simples ou misturada com farinha de mostarda, e dar a beber chá da India com rhum, e a poção seguinte ás colheres.

Agua de hortelã	120	grammas (4 onças
Xarope simples	30	» 1 »
Eter sulfurico	30	gottas.

(Continúa.)

A FEBRE.

(Continuação)

Passo agora a outras theorias que teem de commum o collocarem a origem do estado febril na perturbação do systema nervoso, e ao mesmo tempo explicarem a influencia dessa perturbação na producção da pyrexia, suppondo que ella se exerce por meio dos orgãos da circulação. Ha duas destas theorias, que são bastante importantes para merecerem attenção. Uma dellas pertence a Traube, e a outra a Marey. Ambas se fundam na doutrina physiologica ordinaria da distribuição do calor nos animaes de sangue quente.

O calor que é communicado ao sangue em todas as partes vivas do corpo pelas combinações chimicas que constituem a sua vida, é distribuido d'ahi a todas as outras partes, pela corrente sanguinea; mas entre as partes externas *i e* aquellas que estão em contacto com o meio exterior relativamente frio, e as partes internas, ha esta importante differença — que em quanto no interior tudo é producção, no exterior a producção é excedida pela perda por meio da evaporação e da irradiação. Por consequencia se não fosse o estarem constantemente a serem trazidos das partes mais quentes do centro para a superficie, por meio da circulação, novos supprimentos de calor, a superficie esfriaria rapidamente, como com effeito acontece quando a circulação é fraca. Destas considerações nasceram as duas theorias da febre a que nos referimos. Segundo Marey a febre consiste em uma relaxação geral do systema vascular das partes externas do corpo, cujo effeito deve ser, deixar o sangue mais quente do centro correr mais facilmente para a superficie e aquecel-a; d'aqui a pelle quente da febre. Segundo Traube, pelo contrario, os vasos da superficie contrahem se, por consequencia a corrente do sangue é demorada na superficie emquanto que fica sem embaraço algum no interior, d'aqui o augmento da temperatura geral do corpo e a febre.

Não será estranho estabelecer duas theorias oppostas sobre o mesmo facto physiologico?

A theoria vaso-motora da febre em qualquer das suas fórmas é defeituosa, não só por deixar de contar com os elementos collateraes do estado febril (os que dizem respeito á nutrição e secreção) mas até nem explica os mesmos phenomens (os da circulação e da temperatura do corpo) sobre que se funda. É verdade que se se alterar a quantidade relativa do sangue correndo nas partes internas e externas, ou se variar a velocidade da corrente sanguinea, produzem-se variações correspondentes tanto na distribuição da temperatura como na temperatura media do corpo. Mas a experiencia mostra — 1.º que o maximo effeito assim produzido não é comparavel com a elevação de temperatura observada na febre, e 2.º que a direcção em que o proprio effeito se manifesta, varia, sendo determinada por complicadas combinações de circumstancias, que nenhuma das theorias toma em conta. Ha, entre outros, a temperatura externa e o vigor com que o coração responde ao augmento de resistencia. Considerando que pela experimentação podemos produzir effeitos váso-motores muito mais energicos do que os que podem existir na febre, e que podemos graduar aquelles effeitos á nossa vontade, podemos considerar como provado que a respeito da contracção vascular, esta condição não póde comprehender os resultados da temperatura que lhe são attribuidos.

A noção de que o calor da pelle na febre depende do que se póde chamar affluxo de sangue para a superficie, é do mesmo modo refutada pelo facto acima referido a respeito da theoria do centro regulador. de que nas mais variadas condições, o effeito invariavel da relaxação vascular é contrario ao que suppõe a theoria, *i e* abaixa a temperatnra do corpo e este abaixamento dá-se até quando o animal é protegido, tanto quanto possivel, da influencia do meio exterior, envolvendo-o em algodão em rama etc. Uma prova mais frisante e mais concludente da insufficiencia de qualquer mudança na distribuição do sangue para explicar a pyrexia é a experiencia de Liebermeister que vamos citar.

Se se prepararem dois banhos com a mesma quantidade d'agua na temperatura do corpo e se, agitando cuidadosamente a agua, se metter em um delles uma pessoa sã, deixando o outro desoccupado; e se depois de um certo tempo, se tirar esta pessoa do banho e se medir a temperatura de ambos os banhos depois d'um certo tempo, se tirar essa pessoa do banho e se medir a temperatura de ambos os banhos depois de novamente mecher a agua, acha-se primeiro que emquanto que no banho desoccupado a temperatura da agua desceu, a do banho occupado ficou na mesma temperatura ou em todo o caso perdeu menos calor do que a do outro; e segundo que o corpo da pessoa se tornou mais quente, porque, estando

inteiramente cercado por um meio conductor nem mais quente nem mais frio do que elle, nenhum calor perdeu na superficie; de modo que todo o calor interno produzido durante a inumeração se accumulou, isto é, aproveitou á temperatura do corpo.

Esta é a experiencia. O seu valor está no conhecimento que ella nos dá do maximo resultado que se póde obter da suppressão completa da perda do calor na superficie em consequencia da simples accumulação daquelle que é normalmente produzido. Os resultados thermometricos da experiencia comparados com as medidas da temperatura, por exemplo, na febre intermittente durante o periodo do accesso, mostram que a proporção em que a temperatura sobe no accesso da sezão é. pelo menos, quatro vezes maior do que o maximo effeito da acumulação.

É quasi escusado dizer que não citei todas as theorias da febre na exposição que fiz daquellas que se propõe explicar os seus phenomenos attribuindo-os á perturbação vascular ou á paralysia d'um supposto centro regulador. Entro agora no segundo uso que desejo dar ao meu exemplo *i e* vou procurar mostrar qual é o verdadeiro methodo de investigação em questões pathologicas.

Como deve ser atacada esta questão da febre? Parece ser uma posição muito forte para ser levada de assalto e antes pela combinação de de bem dirigidos aproxes. As questões devem ser tomadas como ellas se apresentam: uma por uma theoria exigirá tão pouco talento como será o necessario para tomar uma fortaleza desde o momento em que todas as posições que a dominam estão nas mãos dos sitiadores.

O primeiro passo é escolher entre os phenomenos constituintes da febre, os mais importantes — por outras palavras: classificar os caracteristicos do estado febril conforme o grau maior ou menor em que elles lhe são essenciaes. Isto só póde ser feito debaixo de um principio — aquelle pelo qual se consideram mais importantes os phenomenos que mais constantemente existem. Por este principio não temos difficuldade em collocar a pyrexia no primeiro lugar; em seguida vem provavelmente a perda de pezo; depois a frequencia do pulso e depois ainda outros phenomenos concomitantes mais ou menos dependentes dos primeiros.

Tomando a pyrexia como constituindo por si mesmo um phenomeno, queremos saber como ella póde ser produzida. Temos apenas dois dados certos donde podemos partir, primeiro, que no corpo animal o calor é exclusivamente produzido pelas combinações chimicas; segundo, que no caso sugeito a proporção em que o corpo aquece é maior do que a que póde dar a simples accumulação. A primeira destas proposições é axiomatica, sendo quasi a immediata consequencia da lei de conservação da força; a segunda provem de experiencias como a de Liebermeister feita no homem e como outras mais exactas feitas em animaes. Pela combinação destas duas proposições chega-se á conclusão — que um tal augmento de temperatura como o que apparece na febre deve depender do augmento de oxidação.

A questão a seguir é relativa á rede do processo — onde se dá esse augmento de oxidação? A este respeito não temos exactas informações, admittindo todavia que a resposta que tem em seu favor maior numero de probabilidades é, — em toda parte *i e* que assim como o calor é normalmente produzido em todos os tecidos, assim deve tambem ser na febre.

Dos tecidos de que o corpo animal é composto ha um unico que tem sido sufficientemente estudado nas suas relações com a producção do calor ordinario, é o tecido muscular.

Não se póde provar que seja elle a séde especial do augmento da actividade chimica que produz a febre; mas póde mostrar-se que, ainda mesmo que se excluissem todas as outras fontes de producção de calor, bastavam as variações de intensidade de que é capaz a oxidação muscular, para darem conta quantitativamente das variações da temperatura do corpo que se dão na febre.

. . . . . .

Creio que depois do que se tem dito, não será necessario observar que eu não estou tecendo uma nova theoria da pyrexia. O meu fim não é mostrar que a febre tem sua séde nos musculos, mas que qualquer processo pelo qual possa ser augmentada a actividade vital em uma massa relativamente grande de tecido vivo, é capaz de produzir uma pyrexia.

Esta conclusão torna se mais clara expondo-se de outro modo. — A pyrexia póde ser produzida por qualquer agente que tenha origem ou no systema nervoso, ou no sangue. Deste modo recuamos até uma antiga definição da febre—febre é a reacção do organismo vivo contra um estimulo. Esta definição tem valor sómente como um indicador da direcção em que se deve trabalhar; isto é que tendo de procurar a causa proxima da febre, devo procural-a entre os agentes que directa

ou indirectamente são excitantes ou irritantes dos tecidos vivos.

Não posso tratar aqui dos outros constituintes da febre cada um dos quaes exige um estudo separado tão cuidadoso como o da pyrexia—o phenomeno da horripilação e as mudanças que a acompanham na circulação, emquanto apressão arterial e á distribuição do sangue nas differentes partes; as mudanças que occorrem nas condições hygrometricas da pelle, e da mucosa e nos apparelhos glandulares que tem connexão com a segunda; as mudanças que occorrem nos tecidos durante a febre, já tão bem estudadas pelo Dr. Beale na febre da peste dos animaes; por ultimo as alterações clinicas que se dão no sangue. Emquanto cada um destes assumptos não estiver bem estudado, é prematuro estar a arranjar theorias além das que são necessarias para obter o que eu já apontei como indicadores.

Alves Branco.

(Correio medico de Lisbôa)

REVISTA SCIENTIFICA

proposito de uma leitura na academia de S. Petersburgo.—Conversa sobre um assumpto velho, e ao mesmo tempo novo—Aprende a conhecer-te—O coração e o cerebro—Physiologia e psychologia.—Expressões usuaes: « ter o coração leve », « ter um peso no coração. » Trabalho mecanico do coração no decurso da vida.—Elevar um trem de caminho de ferro á altura do monte Branco, só pelo trabalho do coração humano,—A força motriz da circulação sanguinea.—Ganglios motores e reguladores—Da centralisação no corpo humano—O poder central.—Ligação com a cabeça—O coração tributario do cerebro.—Transmissões telegraphicas.—Exame permanente do governo central—os nervos acceleradores e retardadores; os nervos vasos-motores.—Impossibilidade da ruptura de um coração são—As emoções reflectem-se sobre o coração—Reacção do coração sobre o cerebro—Sensações agradaveis e desagradaveis—Os sentimentos revelados pelo coração—Meio de descobrir sentimentos fingidos—Apparelho para se poder ler no coração humano.—Estudos psychicos a fazer.

Já lá se foi o tempo em que se dizia que o coração estava collocado á direita e o figado á esquerda; entretanto talvez não seja prudente affirmar que muita gente acerte com a collocação desses orgãos no seu verdadeiro lugar.

Ainda hoje ha muito quem se sirva do coração por estribilho: cada qual, segundo os seus caprichos, inventa, construe um idealzinho de coração que se afasta mais ou menos da realidade; faz-se até desta palavra um uso immoderado. Ha quem guarde, ou dê, o seu coração; quem o tenha nos labios, umas vezes duro, outras vezes gelado, ou ardendo em fogo; ha pessoas que o têm leve, pesado, e até que não o têm absolutamente, o que é inexplicavel, mas comprehende-se perfeitamente; a expressão está consagrada em todas as linguas. Algures um romancista apresenta o seu heróe succumbindo a uma ruptura do coração, o que é de todo impossivel; um poeta não se incommoda para impôr silencio ao seu coração, outro impossivel.

Os positivistas sustentão que o coração nada tem que ver com o sentimento, pois que os physiologistas mostrárão que este orgão é apenas um simples apparelho de hydraulica, destinado a lançar o sangue em nossos vasos; é uma bomba, uma obra prima, se assim o quizerem; mas em todo o caso não passa de uma bomba de effeito duplo. Em summa, tem-se marcado ao coração tantos e tão variados lugares, que por fim ninguem sabe qual a sua séde, nem as funcções que elle desempenha.

Assim, pois talvez seja conveniente fazer com que desappareça este equivoco e resumir, em breves traços, o estado da sciencia neste ponto; e ver-se-ha ainda uma vez que o sentimento popular tem quasi sempre o dom de presentir a verdade nos problemas mais complexos.

Não é, na verdade, sem razão que o coração é invocado tantas vezes na linguagem usual É elle o orgão sobre o qual se reflectem mais completamente os diversos estados da alma. « Mostra-me o teu coração, e dir-te-hei quem tu és », diz o poeta arabe; « mostra-me o teu coração e dir-te-hei o que pensas », diria a seu turno o physiologista. Muito mais que os olhos, o coração é o espelho da alma.

Sim, o saquinho musculoso, de compartimento duplo, chamado coração, é não só o motor que expelle o sangue em nossos vasos, effectuando com admiravel regularidade consideravel trabalho mechanico, como tambem um testemunho incomparavel de todas as nossas impressões, e mais seguro confidente de todos os nossos pensamentos.

« Os nossos sentimentos, nos seus mais delicados matizes, gravão-se sobre o coração,

dizia recentemente M. Cyon (1), com uma perfeição e justeza inimitaveis; e é por isso que nós acostumados por uma bem conhecida lei physiologica a transportal-os ao orgão que os communica á nossa consciencia, podemos explicar o motivo porque attribuimos ao coração o sentimento que experimentamos por certas commoções da alma. »

Foi M. Claude Bernard (2) o primeiro que em 1864 mostrou a dependencia do coração e dos phenomenos physicos. Nessa época não havia ainda noções muito exactas sobre o traçado dos nervos que ligão o coração ao cerebro. Hoje póde dar-se como inteiramente exacta a proposição fundamental do eminente physiologista francez.

O coração é uma pequena bomba com paredes muito delicadas, composta de duas cavidades que só se communicão entre si indirectamente por meio de um systema de canaes. As suas funcções são semelhantes ás de uma bomba ordinaria de borracha, que diminuindo de volume, arroja por uma extremidade o liquido que contém, e, pela outra o absorve ao volver ás suas dimensões.

O coração como a bomba de borracha, está munido de valvulas que terminão a direcção da corrente de sangue.

A metade do lado esquerdo aspira o sangue dos pulmões e o arremessa através de todos os vasos do corpo para a outra metade do lado direito. Esta metade direita, contrahindo-se então, lança o sangue através do pulmão até ao lado esquerdo do coração. Este trabalho faz agitar o sangue em todos os canaes, e triumpha das multiplas resistencias que este movimento encontra no caminho. Já se calculou o trabalho mechanico operado pelo coração; achou-se que era enorme.

Ninguem ignora que os mechanicos tomão por unidade de trabalho aquelle que corresponde á elevação de um peso de 1 kilogramma a 1 metro por segundo: é o kilogrammetro. O cavallo-vapor faz 75 kilogrammetros por segundo.

Pois bem! O coração produz em 24 horas 70,000 kilogrammetros; no espaço de um anno poderia, pois, levantar um peso de mais de 25,500,000 kilogrammetros á altura de um metro, ou, o que vem a dar no mesmo, um kilogramma á altura de 25,500,000 metros. Bastaria, portanto, o trabalho effectuado pelo coração de um homem durante uma vida de 70 a 80 annos para suspender um trem de caminho de ferro ordinario á altura do monte Branco..

Existe no proprio coração a força que o faz funccionar, pela razão de ter um orgão que possue como todos os nossos musculos, nervos motores, que produzem a successão rythmica de suas contracções, porém estes nervos não partem do systema nervoso central mas sim de apparelhozinhos nervosos, de ganglios incrustados na propria substancia do coração.

Estes centros nervosos são autonomos, formão-se por si mesmos, independentemente de nossa vontade, o que é uma felicidade para nós, e obrão sob a influencia de excitações que elles produzem na temperatura e na composição chimica do sangue.

São dignas de admiração as precauções tomadas na organisação do ser humano. Se ficassem entregues á discrição os ganglios motores, é evidente que, segundo o seu gráo de excitação, elles trarião contracções de coração ora rapidas ora lentas, exactamente como se em uma machina nos esquecessemos de collocar um regulador que uniformisasse os movimentos desordenados que sóe imprimir o vapor, á medida que este se expande em demasiada ou insufficiente quantidade.

Ao lado dos ganglios motores encontram-se tambem outros em relação directa com elles, e que os obrigão a não esperdiçar sua força motriz, senão em caso de necessidade e regularmente. A estes ultimos chama-se ganglios reguladores. E eis o porque é possivel, no mechanismo interior, que o coração desempenhe as suas funcções. A duvida aqui não tem cabimento; se não, vêde o coração de uma rã que, a despeito de lhe ter sido arrancado do corpo, todavia continúa a bater tão naturalmente como se estivesse no seu verdadeiro lugar.

As suas pulsações põem em movimento uma comprida hastea que move-se para a direita e para a esquerda como o pendulo de um metronomo.

O coração bate, mesmo fóra do corpo; a força motriz é propriamente sua; e ahi temos nós um apparelho completo, uma verdadeira bomba com o seu motor, munida de um excellente regulador.

(1) M. Cyon, professor, tratou ultimamente deste assumpto com bastante profundeza, na sessão de admissão da academia medico-cirurgica de S. Petersburgo.

(2) Conferencia na Sorbonna.

Mas isto ainda não pára aqui. Este pequeno systema individual, que poderia satisfazer a si proprio por algum tempo, nem por isso deixa de estar em estreita dependencia da autoridade central, porque elle recebe ordens directamente do cerebro, e está em communicação telegraphica permanente com a medulla da espinha dorsal; fallão-lhe, elle responde; é sabedor de tudo quanto se passa no centro, e a este reciprocamente communica em seguida as modificações porque passa.

O coração está, realmente, ligado ao cerebro por inumeras fibras nervosas, verdadeiros fios telegraphicos; umas representam os fios de partida, que transmittem os telegrammas do cerebro ao coração, e outras os de chegada, que trazem as novidades do coração ao cerebro.

Entre as fibras transmissoras do cerebro ao coração distinguem-se actualmente dous grupos. O primeiro vem do cerebro e passa pelo *grande sympathico* (3); o segundo compõe-se de ramos de um nervo importante o *pneumo-gastrico* (4).

A missão destes grupos é absolutamente inversa Os nervos do grande sympathico acceleram as pancadas do coração; os nervos do pneumo-gastrico ao contrario, retardam-n'as. Quanto ao mais os *acceleradores* confinão, no coração, com os ganglios motores, e os *retardadores* com os ganglios reguladores. Não obstante a acção do pneumo-gastrico é permanente, e a dos nervos acceleradores apenas se dá em circumstancias especiaes.

Como se deixa ver, o cerebro póde, desta maneira, ordenar directamente ao coração que accentúe ou diminua seus movimentos. E ha ainda um outro lado por onde elle póde dominar este orgão. Se o coração não obedece immediatamente ás injuncções do cerebro, este poderia obrigar as pequenas arterias a diminuir de volume.

Os musculos destas arterias são dominados por nervos que confinão com o systema sympathico. A excitação dos nervos traz a diminuição do volume dos vasos; o, ao contrario, quando não estão em movimento, augmentam de volume. Por consequencia, ao primeiro signal de insubordinação do coração, os vasos se contrahem, e resulta a quantidade de sangue que deve percorrer, em um tempo marcado, os diversos orgãos do nosso corpo.

Esta faculdade do governo central, de ter entre as mãos o meio de actuar sobre o coração, é tanto mais importante quanto este orgão não póde saber, sem previo aviso, se um incidente local embaraça a circulação, e se será necessario que elle modifique a sua marcha normal; as funcções do organismo passão por oscilações continuas e algumas vezes doentias; neste caso compete ao cerebro, que tudo centralisa, modificar o fluxo sanguineo, e por conseguinte o regular exercicio dos orgãos. Todas as excitações transmittidas á peripheria do nosso corpo convergem ao cerebro e repercutem sobre os nervos do coração. Se uma de nossas mãos estiver exposta ao frio, os nervos sensiveis o annunciam ao cerebro; este paralysa os nervos vaso-motores (5), o volume das arterias augmenta, o sangue afflue, o calor sóbe e a mão começa a enrubecer (6). A mão foi soccorrida por ordem superior.

Reciprocamente se, por algum motivo de preoccupações de ordem moral, o cerebro se descuida, o coração poderá chama-lo aos seus deveres. Se o cerebro tiver, por exemplo, sob o peso de viva emoção, excitado todos os nervos constrictores, o volume dos vasos diminuirá bruscamente, e o coração não poderá mais vencer as resistencias accumuladas e expellir o sangue.

Em sua cavidade produzir-se-ha uma accumulação subita de sangue, que póde correr o mesmo risco que uma caldeira a vapor super-aquecida, que o faria rebentar. A caldeira tem uma valvula de segurança; o coração igualmente. O coração telegrapha ao cerebro, que paralysa repentinamente todos os nervos constrictores. As arterias dilatão-se espontaneamente, e o superfluo com facilidade se esgota, desapparecendo por esta fórma todo o perigo de ruptura.

Assim, pois, ninguem morre da ruptura

(3) O systema nervoso chamado grande sympathico consiste principalmente em uma dupla cadêa de ganglios que se encontram dos lados e por diante da columna vertebral; são reunidos entre si e com os nervos rachidianos.

(4) Os nervos partem do cerebro aos pares, que succedem-se detrás para diante em numero de 12. O decimo par é formado pelos dous pneumo-gastricos, que fornecem filamentos ao larynge, aos pulmões, ao figado, ao estomago e ao coração.

(5) Chamamos vasos-motores aquelles que regulam os movimentos das paredes vasculares.

(6) A hydrotherapia tira grande vantagem destes effeitos.

subita do coração: um coração sadio não póde dilacerar-se. Emoções multiplas e prolongadas podem mudar o rythimo das pulsações do coração, e trazer a morte, mas lentemente, e pelo gradual desenvolvimento de molestias desse orgão, acompanhadas de todas as alterações pathologicas que lhe são proprias.

Os nervos centraes do coração achão-se no prolongamento da medulla, isto é, na parte do systema nervoso central, que, ligada a todos os nervos cerebro-espinhaes, póde-se considerar como o confluente onde se encontrão e cruzão todas as excitações propagadas no systema nervoso. Tudo passa por esta repartição central; ella ahi fica sciente de tudo o que póde acontecer em qualquer ponto deste territorio, a que chamamos corpo humano; os dous nervos, accelerador e retardador do coração, estão álerta, e reciprocamente se correspondem sobre o que se passa nesse orgão.

Portanto, agora não è difficil comprehender como o coração é o confidente das variações do nosso estado mental; a maneira pela qual elle reflecte todas as impressões do cerebro, todos os actos psychicos, todas as sensações: contentamento, alegria, dôr, affecto, odio, maldade, bondade, etc.

A dependencia mutua das operações do cerebro e das pulsações do coração é tão perfeita que os estados psychicos, ou situações da alma, comquanto infinitamente variaveis, determinão modificações correspondentes aos movimentos do coração, e do mesmo modo essas pulsações reagem sobre as funcções do cerebro e sobre as suas diversas disposições psychicas.

Quando o coração bate com esforço, executando mal o seu trabalho, ficai certos de que o vosso pensamento se resentirá dessa influencia; estareis triste, e o vosso temperamento senti-lo-ha; e é por isso que não ha remedio senão ter toda a paciencia com os doentes. Os praticos hydrotherapicos mostrão perfeitamente a reacção singular do coração sobre o pensamento.

Todos os observadores affirmão que immediatamente após um banho de ducha, o doente fica mais alegre, do proprio hypocondriaco desapparecem os seus humores melancolicos; é qne a pulsação é mais folgada, o fluxo sanguineo mais regularmente distribuido, a circulação mais perfeita e o cerebro, emfim, trabalha com todo o desafogo.

As relações intimas que existem entre o coração e o cerebro são conhecidas ha tão pouco tempo, que por ora não se póde indicar circumstanciadamente as mudanças que as diversas disposições da alma produzem nas pulsações do coração. O estudo é delicado e complicado; nós não o dominamos, ao contrario, aceitamo-lo quando elle se nos apresenta; é elle que nos mostra serem mui limitadas as sensações da alma de que podemos dispôr á vontade. No emtanto, podemos perfeitamente, nas suas principaes feições, fazer realçar a dependencia das oscillações do coração e das excitações psychicas do cerebro.

Os movimentos alegres e agradaveis de nossa alma excitão os nervos acceleradores. O coração bate, por conseguinte, mais depressa, diminuindo ao mesmo tempo a intensidade de suas pancadas. Temos milhares de razões quando dizemos n'um caso destes que « o coração pulsa de alegria. »

A facilidade com que o coração se allivia de certo peso durante esta especie de contracção, nota perfeitamente M. Cyon, mantendo a regularidade da circulação por uma pressão insignificante, produz o sentimento do estado feliz da creatura, tão exactamente enunciado nesta expressão: « ter o coração leve. »

Todos os sentimentos de tristeza ou de oppressão actuão principalmente sobre as fibras retardadoras do pneumogastrico.

Estas sensações retardão mais ou menos as pulsações, prolongando os intervallos, durante os quaes o coração aspira uma grande quantidade de sangue, do qual não póde desembaraçar-se senão contrahindo-se por inauditos esforços.

Ainda neste caso se diz com muita razão « ter um peso no coração; o coração opprimido.

Se recebemos subitamente uma noticia triste, a sensação dolorosa que della resulta traz uma paralysia brusca dos nervos pneumogastricos retardadores. O coração não póde mais conservar-se em seu trabalho ordinario; enfurece-se, e sobrevem rapidas e tumultuosas pulsações, a ponto de parecer que « o coração quer saltar do peito. »

A acceleração das pulsações não póde, neste caso, comparar-se áquella que é produzida pela excitação dos nervos accelera-

dores por motivo de sensações de alegria; o sentimento de oppressão, do angustia, chega sempre a um gráo insupportavel: o coração debate-se frequentemente em peniveis esforços.

A impressão subita que se origina de uma noticia alegre ou triste póde desafiar uma excitação em ordem a paralysar completamente as pulsações do coração e causar um desmaio. Se é uma boa-nova, os nervos acceleradores reassumem o seu lugar e as pulsações accelerão-se; se ella é má, o retardamento subsiste e o coração « fica torturado. »

Os nervosinhos vaso-motores de todo o corpo ajuntão a sua acção á dos nervos do coração para perturbar a circulação. As emoções os paralysão ou excitão-n'os, conforme a sua natureza. O corado do rosto, depois de inesperada alegria, é effeito da paralysia momentanea dos nervos vasomotores da face, cujas arterias se dilatão, deixando affluir o sangue, que encontra livre o caminho; a pallidez do rosto durante o medo resulta, ao inverso, de uma contracção das pequenas arterias faciaes.

É preciso notar, antes de mais nada, que a influencia das emoções sobre o coração depende do gráo de excitabilidade dos nervos. As pessoas que chamamos nervosas são as que se impressionão mais depressa e em cujo rosto mais depressa lemos os seus sentimentos. A opinião popular tem razão ainda quando pretende que as mulheres e as crianças têm, no geral, o « coração mais terno e meigo » que os homens.

Comprehende-se bem, sob o ponto de vista physiologico, o que significa um « coração duro e egoista », um « coração ardente e sensivel ».

Ha agentes physicos ou chimicos que exercem sobre o coração as mesmas influencias que as excitações psychicas. Assim, o calor e o oxygenio actuão sobre o orgão no mesmo sentido que as impressões agradaveis, porque elles excitão os nervos acceleradores; é deste modo que se explica o sentimento de felicidade que se experimenta durante os bellos dias da primavera, ao ar puro dos campos. O frio e o acido carbonico actuão ao contrario como as impressões tristes, pois que elles retardão as sensações. É assim que explicamos o sentimento de tristeza que nos absorve nos dias frios e nublados, maxime n'uma atmosphera viciada.

Convém muito deixar patente que todos os nervos que vão ter ao coração e aos vasos são inteiramente independentes da nossa vontade. Podemos, pelo costume, assenhorear-nos mais ou menos das nossas emoções, e por conseguinte reagir indirectamente sobre o coração; mas o que é impossivel é modificar-lhe sensivelmente as pulsações.

Não podemos tambem fazer calar o coração, nem impedi-lo de corar ou empallidecer á vontade. O homem que experimentou em sua vida as mesmas emoções por muitas vezes, vem a impedir talvez no futuro, a possibilidade de fazer « fallar o seu coração »; a excitação dos nervos gasta-se de tal modo que elles se tornão insensiveis; mas a vontade, em tal caso, está fóra de questão.

O phenomeno é inconsciente; a alma não recebe mais impressão alguma.

As funcções do coração, tributario dos actos psychicos e independentes de nossa vontade, não existem sem consequencias praticas; ellas podem, na verdade, servir para examinar a sinceridade de nossos sentimentos. O coração torna-se, deste modo, o fiel espelho da alma; e chegamos, á força de acostumar-mo-nos, e exprimir pela voz, pelos musculos faciaes, pela expressão dos olhos, e até por lagrimas hypocritas, a manifestar sentimentos que não temos absolutamente.

O mais habil comico não seria capaz de empallidecer naturalmente, nem de forçar o seu coração a bater com a cadencia que corresponde aos sentimentos fingidos que exprime.

O nosso cerebro, realmente, goza de faculdade de evocar emoções anteriores por meio da memoria. Essas emoções poderião trazer ao coração pulsações caracteristicas de um sentimento dado.

Um homem habil poderia, desta maneira, fazer « fallar o seu coração » ; mas este caso seria muito raro, e provavelmente a semelhança das pulsações não seria completa.

Os physiologistas actualmente servem-se para examinar o pulso e o coração, de apparelhos de registro. O sphygmographo marca os traços caracteristicos das pulsações; o cardiographo, as fórmas exactas das contracções da extremidade inferior do coração.

Estes instrumentos, empregados com o

fim physiologico ou pathologico, poderião ser applicados ao homem com o fim puramente psychologico. Ninguem comprehende como não se possa obter o traçado ou esboço graphico das pulsações correspondentes ás diversas impressões da alma; o traçado correspondendo ao amor, ao medo, á alegria, á colera dar-nos-hia immediante como temos a do typho, da cholera, da febre, etc

O Dr. Lorain, procurando o traçado do pulso de um louco durante os seus accessos foi o primeiro que ensinou este systema; é uma nova estrada a explorar, muito delicado, de accordo; mas é tambem de grande alcance scientifico e social.

A comparação das linhas e das faxas de dous espectros luminosos produzidos ao lado um do outro por uma luz modelo e pela luz de um astro, permitte descobrir ás substancias que se achão no astro.

Não seria, pois, mais difficil o comparar esses traçados indicadores das pulsações do coração, e procurar os sentimentos correspondentes: poderiamos analysar assim desde os nossos intimos sentimentos até aos actos psychicos mais complicados. A difficilima arte de ler no coração humano reduzir-se-hia então a uma habilidade, grande ou pequena, no manejo do apparelho investigador.

Em caso de duvida, seria conveniente deixar-se a gente explorar pelo instrumento no caso de laborar em erro, porque o instrumento se encarregaria de descobrir a verdade. É inutil insistir sobre este novo processo de sondar a consciencia humana; e dêmo-nos por felizes que em proximo futuro o cardiographo venha substituir, para os criminosos, os instrumentos de turtura da idade média.

Em resumo, e é o que convem firmar, o coração não é um simples apparelho de hydraulica; é um orgão de extraordinaria delicadeza, um instrumento perfeito, cujas notas vibrão de accordo com o nosso pensamento. O sentimento popular exprime perfeitamente a verdade nestas palavras: « Quando a alma soffre, o coração sente. »

Henri de Parville.

NOTICIARIO

—

Presente de S. M. o Imperador do Brazil ao Museu de Historia natural de Paris.—O Sr. Dr. Chernoviz communica-nos de Paris o seguinte:

S. M. Imperial o Senhor D. Pedro Segundo dignou-se beneficiar as Estufas do Museu de Historia natural de Paris com uma muito bella collecção de Aroideas, novas, e pela maior parte ainda não denominadas. O Professor Brogniart occupa-se n'este momento do seu baptismo. Estas plantas foram escolhidas por uma pessoa muito intelligente, nos mattos do Brazil. Foram encaxotadas com tão grandes precauções que todas chegaram ao Jardim das Plantas de Pariz n'um estado perfeito de vegetação. Pertencem aos bellos generos de Philodendron e Anthurium. O escriptor d'esta nota, vio-as nas Estufas nos fins de Novembro de 1873, tres mezes depois da sua chegada: conservam-se vigorosas, são muito apreciadas pelo Director das Estufas, e excitam, a admiração dos amadores da Botanica. São 30 plantas; sobre todas foi applicado o letreiro seguinte: *Donné par S. M. l' Empereur du Bresil.* Este donativo foi feito em consequencia das visitas que S. M. dignou-se fazer ao Museu de Pariz em 1872, e de que os Professores do Museu conservam preciosamente a lembrança.

* *
*

Tratamento da psoriasis pelo acido acetico—O *Scalpel* insere o seguinte methodo de tratamento do Dr. Buck; As escamas mais superficiaes são tiradas com fricções de sabão e agua quente, depois do que se estende o acido acetico com um pequeno pincel sobre a parte doente, dependendo da susceptibilidade do doente a porção de pelle que deve ser assim tratada em cada dia, se bem que a dôr não é muito intensa. O logar attacado pela doença torna-se, em consequencia do tratamento, branco e tumefacto, ao passo que a pelle circumvisinha se avermelha e inflamma, acompanhando-se isto d'uma dôr moderada, que dura cerca de um quarto d'hora. As camadas superficiaes da epiderme, que ao principio se tinham tornado mais brandas, seccam-se, tomando o aspecto de escamas espessas, e duras, que facilmente se destacam renovando-se em seguida a applicação do acido. Se a dôr é

muito forte, ou as partes visinhas estão muito inflammadas, é necessario suspender o tratamento e recorrer aos emollientes. O acido deve applicar-se duas ou tres vezes por dia, até que o rubor com induração e espessamento dos tecidos tenha de todo desapparecido; nunca se chegam a formar escamas. Em alguns casos ficam manchas pigmentares, que desapparecem com o tempo. Entre quatro e cinco semanas é a duração do tratamento, dependendo da maior ou menor preseverança e energia com que fôr applicado e sobretudo da edade da doença.

Julgando a psoriasis uma affecção puramente local, o Dr. Buck prescinde de tratamento interno. Exceptua-se o caso de psoriasis syphilitica, em que se exige o emprego do tratamento anti-syphilitico.

* *

Melhoramento da ligadura elastica de Esmarch—O Sr. W. Harrison Cripps descreve no jornal—*The Lancet*—a sua modificação á ligadura de Esmarch.

Esta ligadura como se sabe, não só obsta á chegada do sangue á extremidade d'um dos membros mas tambem fal-o recuar d'essa extremidade para a parte superior, isto antes de qualquer amputação.

Pega-se em um tubo de gomma elastica de vinte e uma pollegada de comprimento e de pouco mais ou menos tres oitavos de pollegada de grossura e atam-se uma á outra as extremidades com um cordel, ficando assim um anel elastico de sete pollegadas de diametro. Uma especie de garrochinho, cuja parte central é ligeiramente escavada como uma roldana e que gira sobre o eixo, completa o apparelho.

Para o applicar ao braço, por exemplo, dão-se com o anel elastico tres ou quatro voltas apertadas em redor da mão incluindo os quatro dedos e o pollegar, tendo o cuidado de fazer as voltas do tubo parallellas e não cruzando as umas por cima das outras. Depois na parte que liga a volta superior á inferior do anel e estendendo-o introduz-se o garrochinho e anda-se com este em redor do braço e para a parte superior, de modo que a volta que se desfas na parte inferior faz-se na parte superior. Assim se fazem subir as tres ou quatro voltas da ligadura pelo antebraço e braço até á altura que se quer, graduando o seu aperto pelo affastamento em que o garrochinho se conserva do braço.

Este meio de fazer recuar o sangue e de o suspender nas extremidades tem excellente resultado no ante-braço e braço e na perna; mas na região poplitea, os tendões dos flexores obstam a que a arteria seja efficazmente comprida. É provavel que uma almofada possa remediar esta falta do apparelho.

Para tirar a ligadura introduz-se o garrochinho e anda-se com elle em sentido inverso ou corta-se o cordel que une as duas extremidades do tubo.

Injecção hypodermica de sulfato de quinina—A injecção de quinina na America contra as febres intermittentes está sendo geralmente usada com excellentes resultados, diz o *Medical Record*. A solução que adopta é a seguinte, lembrada pelo Dr. F. D. Tente, de Cold Spring, Nova York.

Sulfato de quinina.....	5 centigr.
Acido sulfurico diluido.....	q. s.
Agua fervendo.....	4 gram.

Deixe arrefecer e depois ajunte:

Acido phenico crystalisado.....	2 decigr.

Misture.

Desta mistura injectam-se subcutâneamente dez a trinta ou mais gotas sem perigo de produzir abcessos como em geral acontece com a solução etherea.

* *

Um novo febrifuga—O Sr. J. de Mello Sampaio, lente do *Instituto profissional*, enviou ao *Jornal de pharmacia* de Goa a seguinte noticia sobre um novo febrifugo.

A *Agricultural gazette of India* diz que em Vienna foi ultimamente exposta uma planta, *echisis scholaris*, pertencente á ordem natural das *apocyneas*, que possue qualidades febrifugas.

Encontra-se abundantemente em Luzou, na provincia de Batangar, nas ilhas Philippinas. A casca desta planta era usada, ha muito tempo, pelos nativos, sob o nome de *dita* como remedio para todas as especies de febres. Um pharmaceutico em Manilla achou nas mesmas cascas uma substancia muito amarga, a que deu o nome de *ditaina*. Um medico hespanhol da mesma localidade administrou-a aos numerosos doentes do hospital a seu cargo, e conheceu que a *ditaina* não sómente substitue a quinina, mas que o seu uso não é seguido das desagradaveis consequencias que muitas vezes traz o da quinina.

É dada nas mesmas doses e com as mes-

mas prescripções que a quinina. Em muitos casos, tambem, a sua actividade como tonico tem sido bem definida. A *ditaina* é preparada da casca da *echisis scholaris* do mesmo modo como a quinina da *chinchona*. Pode-se tirar da arvore uma grande quantidade de casca, sem prejudicar seu crescimento. Está calculado que o preço da *ditaina* na Europa poderá ser de 3 s, 6 d. a 4 s. por cada onça.

Protoxalato de ferro de Girard—Este preparado de ferro diz o *Bullet. de l'Acad. de med.* tem sobre os outros a vantagem de não ter sabor algum, de ser bem supportado por *todos os estomagos* e de não produzir prisão de ventre; da se na dose 10 a 12 centigr. por dia. Fasem-se d'elle tambem pastilhas para crianças.

Meio de diminuir a sabor amargo dos medicamentos—As substancias assucaradas em soluto concentrado atenuam o sabor amargo *das outras: o infuso de genciana é dos mais* desagradaveis, emquanto que seu xarope é grato, porém tendo o cuidado de o não diluir n'agua, e por conseguinte, de não enfraquecer a acção do assucar. Porem o corpo, que *parece desempenhar em mais* alto gráo esta curiosa propriedade, é a glycirrizina, materia assucarada do alcaçuz.

O sabor amargo dos saes de quinina, da coloquintida, do aloes, da quassia, e de outras substancias, se faz desapparecer quasi instantaneamente, mascando um pedaço de raiz de alcaçuz: tambem se pode machucar, e tamisar aloes, *sem experimentar o menor* incommodo.

Aqui parece não intervir reacção alguma chimica, porque ha n'isto uma questão de quantidade, e de tempo, que observar, como depois se verá. Isto vem a ser, permitta se a phrase, o resultado d'uma incompatibilidade de sabor.

Uma acção analoga nos offerecem as amendoas amargas com relação ao almiscar, e o anis a respeito da valeriana. Quando se trata de limpar com agua distilada de amendoas amargas um gral em que tenha estado almiscar, *ao principio parece que se tem* alcançado o objecto: porém á medida que a essencia das amendoas amargas se evapora o cheiro do almiscar reapparece gradualmente, adquirindo de novo sua primitiva intensidade. A essencia de amendoas amargas occulta pois momentaneamente o cheiro do almiscar, mas *não o destroe: o mesmo* pois succede com a materia assucarada do alcaçuz a respeito do amargo das outras substancias.

Quando, por exemplo, se toma sulphato de quinina, a mucosa da bocca se *empregna* d'este sal, e se precisa, por tanto, um tempo determinado para que a renovação continua da saliva *tenha levado comsigo os ultimos* vestigios d'elle. Se durante um tempo bastante longo se conserva na bocca o sabor assucarado do alcaçuz, acontecerá que quando este tiver desapparecido, o do sulphato de quinina não reapparecerá, *com tanto que* tenha havido tempo sufficiente para que os minimos indicios d'este sal tenham sido levados pela secreção das glandulas salivares. Convém, pois, demorar na bocca o alcaçuz tanto mais tempo quanto mais fôr o amargo da substancia, ou seu soluto.

Citrato de bismutho ammoniacal.—(Licor de bismutho C. H. Wood—Tudo, que se refere ao bismutho, tem um capital interesse para o pharmaceutico, e para o medico. Constituindo *um grande recurso therapeutico*, que diariamente adquire maior reputação, torna-se indispensavel conhecer aquelles de *seus preparados*, que mais se usam, assim como os processos mais rasoaveis para a sua preparação: por isso convem estudar com attenção este producto.

O citrato de bismutho se obtem, segundo *o processo de Wood*, dissolvendo o oxydo anhydro em uma mixtura de acido citrico, e citrato ammonico.

O oxydo de bismutho se obtem fervendo por alguns minutos o subnitrato n'um soluto de potassa caustica: *lava-se o deposito*, que é de oxydo, decantam se os liquidos diversas vezes, e secca-se ao banho maria.

Eis a *formula proposta* para 4,54 litros do licor de bismutho.

Oxydo de bismutho	9 onças
Acido citrico	16 «
Ammonia liquida	12 »

Agua quanto baste.

Dissolvem-se 8 onças de acido citrico em quatro de agua fervendo, neutraliza-se exactamente com ammoniaco (approximadamente sete onças) e se ajunta metade do seu volume de agua. Ajuntam-se as outras oito onças do acido, depois o oxydo de

bismutho, ferve-se por quinze minutos, e por ultimo se ajuntam cincoenta e quatro de agoa, e o ammoniaco em quantidade sufficiente para tornar o liquido alcalino, e uma pouca mais de agua. Neste estado se filtra.

Mehu, dando a conhecer esta formula, acompanha-a das seguintes considerações. Na formula de Wood ha dois equivalentes de acido citrico para um de bismutho; mais de uma vez me tenho podido assegurar de que um só equivalente de acido é bastante para um soluto de bismutho perfeitamente estavel, evitando-se deste modo um excesso de citrato ammonico no liquido.

Eis como proponho preparal-o.

Dissolvo um pezo determinado de bismutho puro em tres vezes o seu pezo de acido nitrico. Depois de um, ou dois dias, decanto a agua-mãe, que banha os christaes, evaporo-a em capsula de porcelana, a calor moderado, até expulsar o excesso d'acido: pelo resfriamento o liquido se torna em uma massa cristallina. Reuno todos os cristaes, e lanço sobre elles um soluto concentrado de acido citrico obtido a quente. Para um equivalente de bismutho (2660) emprego outro de acido citrico cristalisado (2626) ou mui proximamente pezos iguaes de um e outro corpo. O soluto do acido dissolve completamente os cristaes de nitrato.

Para obter o citrato divido em duas partes iguaes o soluto do nitrato no acido, e verto ammoniaco n'uma dellas em quantidade sufficiente para dissolver o precipitado que se forma, de maneira que não tenha mais do que um ligeiro excesso do alcali, e depois ajunto a outra porção do liquido.

Resulta desta mixtura um precipitado de citrato de bismutho, mui branco, que lavo em agua morna, até que não saia acida, e seco em seguida na estufa. As aguas de lavagem são acidas, e contem grande quantidade de nitrato ammonico, e dão apenas indicios do bismutho. Póde separar-se este no estado de sulphureto sodico.

O citrato de bismutho, assim preparado, dissolve-se no ammoniaco, podendo-se diluir n'agua á vontade este soluto sem que se turve, conservando-se durante annos Tenho observado por espaço de dois annos muitos solutos de bismutho, que continham de 20 a 25 grammas do metal por litro, sem lhe notar a menor alteração. O soluto de citrato de bismutho á dos mais rapidos e faceis, basta tocar o citrato solido com ammoniaco concentrado para obter mais perfeito e concentrado, do que se exige ordinariamente.

Quando este soluto ammoniacal se evapora em pratos, deixa um residuo branco, insoluvel na agua e completamente soluvel quando se humedece com aminonia das officinas, posto que com certo vagar.

O citrato obtido pela evaporação do soluto ammoniacal do citrato de bismutho, nada cede ao alcool se não contem citrato ammonico em excesso, nem impurezas soluveis neste liquido.

O soluto de citrato de bismutho no ammoniaco não se turva pelo acido acetico, chloreto sodico, e o ammonico, iodeto potassico, ferro cyaneto, e bichromato da mesma baze. Precipita pelo oxalato ammonico, acidos nitrico, phosphorico, sulphurico, e nitrato de urêa.

Cultura da quina.—O relatorio sobre os progressos da India, em 1872, dá informações a respeito da cultura da arvore de que se tira a quina. Foi introduzida do Perú nos districtos montanhosos da India em 1870.

Despenderam-se para esta experiencia 61,719 libras esterlinas. Mas os resultados são incalculaveis. Assim, ha hoje 2,639,285 plantas só nas plantações do governo sobre as collinas Neilighary, sem contar o que existe nas plantações particulares dos outros districtos. As maiores arvores tem 10 metros de altura e mais de 1 metro de circumferencia.

A superficie coberta pelas plantações é actualmente de 950 ares, e augmenta cada anno. A casca da arvore cultivada tem mais quinina do que a casca selvagem do Perú. Em 1871 venderam-se no mercado de Londres 2722 kilogrammas de casca excellente ao passo que se forneciam 24452 kilogrammas á fabricação local. A quinina fabrica-se no logar mesmo. O problema de ser um febrifugo barato será promptamente realisado.

FORMULARIO

Linimento contra as gretas da pelle—

Manteiga de cacáo	5 grammas
Oleo de amendoas	5 »
Oxydo de zinco	0,10 »
Borato de soda	0,10 »
Essencia de bergamota	8 gotas

M. S. A. para um linimento aconselhado contra as gretas e fendas dos peitos, boiços e mãos.

Poção expectorante—

Gomma ammoniaco	2	grammas
Oxymel scillitico	10	»
Xarope de capillaria	15	»
Infuso de hyssopo	90	»

Mixturem-se para uma poção para tomar uma colher das de sôpa, no catharro agudo dos bronchios.

Topico contra as frieiras—

Balsamo do Perú	5	grammas
Alcool	125	»
Acido chlorhydrico	4	»
Tintura de beijoim	15	»

Mixturem-se para fazer uncções sobre as frieiras: quando estão rebentadas em lugar desta formula convem muito mais empregar-se a seguinte:

Balsamo do Perú	5	grammas
Alcool rectificado	10	»
Tintura de beijoim	15	»
Vinho aromatico	200	»

M. S. A.

Papel azeitoso do Dr. L. Guie.—

Oleo de linhaça	3	litros
Sal de chumbo	30	gramm.
Lythargirio	30	gramm.
Cera amarella	15	gramm.
Terebenthina	15	gramm.

Mixturem-se, e aquentem-se durante uma hora: estende-se sobre o papel com broxa ou pincel.

Quando começam a manifestar-se escaras na região sacra, Piorry applica directamente sobre as partes inflamadas aquilão, do em magdaleões, abrandado previamente em agua quente para fazer mais facil sua applicação, e logo se cobre com pós de lycopodio, o que substitue o panno ou a seda, tecidos sobre os quaes se estende ordinariamente o aquilão.

Desinfectante e phenico zincado.—

Acido phenico	10	grammas
Sulphato zincico	3	grammas
Agua	1000	grammas

Dissolvam-se. O sulphato de zinco obra do mesmo modo sobre o acido sulphydrico, e carbonato ammoniaco que o sulphato de ferro.

Eleolado phenico.—

Acido phenico	1	grammas
Oleo commum	7	grammas

Dissolva-se em vaso de vidro, e n'elle se conserva para uso.

Ether phenico.—Declat—

Acido phenico	5	grammas
Ether	100	»

Para collocar nas habitações onde ha maus cheiros, em um frasco, que se destapa de vez em quando.

Vinho phenico—

Acido phenico	5	grammas
Vinho branco	100	»

Para loções, ou applicações com um pincel aos tuberculos da lepra.

O acido phenico tambem se está applicando em copos sobre as mezas da casa onde se quer produzir qualquer purificação no ar infecto.

Pilulas de acido phenico—

Acido phenico	2	grammas
Extracto, ou pó de alcaçuz	q. b.	

para fazer massa e dividir em 30 pilulas.

Convem ordenar ao enfermo, que beba uma boa quantidade de agua assucarada, para que as dissolva. Commeçam a dar-se na dóze de duas a cada comida, ou mesmo fóra d'ellas de manhã e á tarde, augmentando duas por dia até chegar a 20, 30 ou 40 nas vinte e quatro horas, segundo as exigencias da doença e forças do enfermo.

Se apparecem os phenomenos chamados toxicos, basta suspendel-as tres ou quatro dias, e começar de novo augmentando mais depressa a dóze.

Usam-se nos cancros, tumores malignos, epiteliomas, lupus, herpetismo, e catharros *chronicos* de todas as mucosas.

Linimento oleo-calcareo phenico.—Declat—

Linimento oleocalcareo	100	grammas
Acido phenico	1,50	»

Prescreve-o o auctor para curar as feridas por occlusão, e para as queimaduras.

Soluto aquoso fraco.—

Acido phenico	1	gramma
Agua assucarada	500	

Para bebida usual nas affecções typhoides diphtericas e outras.

Typographia de J. G. Tourinho.